

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**ALINE SELEPRIM HILÁRIO**

**“EXTRA! EXTRA! LOGO LOGO O SHOW COMEÇA”: UMA ANÁLISE DA  
REPRESENTAÇÃO DA CULTURA DO CANCELAMENTO A PARTIR DO  
VIDEOCLÍPE A QUEDA DA CANTORA GLORIA GROOVE**

**São Borja**  
**2023**

**ALINE SELEPRIM HILÁRIO**

**“EXTRA! EXTRA! LOGO LOGO O SHOW COMEÇA”:** UMA ANÁLISE DA  
**REPRESENTAÇÃO DA CULTURA DO CANCELAMENTO A PARTIR DO**  
**VIDEOCLÍPE A QUEDA DA CANTORA GLORIA GROOVE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social - Habilitação Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo da Silva Rocha

**São Borja**  
**2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

H641“ Hilário, Aline Seleprim  
“EXTRA! EXTRA! LOGO LOGO O SHOW COMEÇA”: uma análise da representação  
da Cultura do Cancelamento a partir do videoclipe A Queda da cantora Gloria Groove /  
Aline Seleprim Hilário.  
69 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade Federal do Pampa,  
COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA, 2023.  
Orientação: Marcelo da Silva Rocha.

1. cultura do cancelamento. 2. meios de comunicação. 3. redes sociais. 4. videoclipe. 5. A  
Queda. I. Título.

**ALINE SELEPRIM HILÁRIO**

**“EXTRA! EXTRA! LOGO LOGO O SHOW COMEÇA”:** UMA ANÁLISE DA  
**REPRESENTAÇÃO DA CULTURA DO CANCELAMENTO A PARTIR DO**  
**VIDEOCLÍPE A QUEDA DA CANTORA GLORIA GROOVE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social - Habilitação Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 1º/02/2023.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Marcelo da Silva Rocha  
Orientador  
Unipampa

---

Prof. Dra. Juliana Zanini Salbego  
Unipampa

---

Prof. Dra. Roberta Ross Thier  
Unipampa



Assinado eletronicamente por **MARCELO DA SILVA ROCHA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/02/2023, às 13:51, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JULIANA ZANINI SALBEGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/02/2023, às 14:08, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ROBERTA ROOS THIER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/02/2023, às 15:03, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_org\\_ao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_org_ao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1044098** e o código CRC **F3A429BE**.

---

Dedico este trabalho aos meus pais, Sonara e Hilário e aos meus avós, Arlindo, Neli (*in memoriam*) e Lírio (*in memoriam*) por tudo o que fizeram para que hoje eu possa estar aqui. Eu amo vocês!

## AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu orientador, o Prof. Dr. Marcelo Rocha, por ter aceitado me orientar e por todo o carinho, paciência e atenção dedicadas ao meu trabalho. A minha banca examinadora, composta pelas professoras Juliana Zanini Salbego e Roberta Ross Thier, por aceitarem o convite, pelo carinho e por todas as considerações durante o trabalho. Agradeço a todo o corpo docente do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda por todo o conhecimento adquirido durante esses quase cinco anos de curso, pelos ensinamentos, conselhos e puxões de orelha. A Universidade Federal do Pampa, por proporcionar esse ambiente de desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal. E aos colegas da PP13. Finalizo essa jornada, uma pessoa melhor.

Agradeço principalmente a minha família por sempre estarem me apoiando e me incentivando a buscar meus sonhos. Aos meus pais Sonara e Claudeci, ao meu irmão e cunhada, Diego e Priscila, a minha prima Joyce, e aos meus tios e tias, Jane e Sérgio, Cristina e Claudiomar, Mara e Jerri, amo vocês! Aos meus melhores amigos de Gravataí, Bruna e Bruno, agradeço todo o apoio e por estarem sempre presentes me dando força e conselhos durante todo esse tempo longe de vocês (o que o Sogil uniu, nem o tempo separa kkk).

Aos meus melhores amigos da Unipampa, agradeço vocês por terem feito São Borja se tornar meu lar. Paloma, André, Joana e Aliana vocês transformaram os meus dias de saudade em alegria e criaram memórias que jamais esquecerei, levarei vocês comigo para o resto da vida. Ao meu companheiro Lucas, só tenho a te agradecer por todos os momentos ao teu lado. Obrigada pelo apoio e parceria, pelas maluquices e pelo estresse, por toda força e conselhos que me deu, e principalmente pelo teu amor e amizade. Eu te amo! Ao meu filho de quatro patas, Yakult, a mamãe agradece a companhia durante as madrugadas e por todos os lambeijos.

Chegar até esse momento, não foi uma tarefa fácil. Durante toda a minha jornada, passei por diversas dificuldades e provações que no fim, me tornaram uma pessoa mais forte, a mulher que eu sou hoje. Sempre busquei me esforçar para atingir meus objetivos e me tornar cada vez uma pessoa e uma profissional melhor. Minha dedicação e empenho durante a minha vida, me servem como fonte de admiração e motivação. Hoje, concluo essa fase sabendo que atingi esse este resultado.

“Viver num mundo sem tomar consciência do significado do mundo é como vagar por uma imensa biblioteca sem tocar os livros”.

Manly P. Hall - Os Ensinaamentos Secretos de  
Todo os Tempos



## RESUMO

Os avanços tecnológicos que possibilitaram o surgimento da internet e a expansão dos meios de comunicação em massa, promoveram novas formas de comunicação, interação e relacionamento dentro das redes sociais. Esse avanço, permitiu aos indivíduos uma liberdade de expor as suas opiniões sem pensar nas consequências do que está sendo falado nelas, disseminando um discurso de ódio. O uso irrestrito das redes sociais proporcionou uma plataforma de alcance mundial para a cultura do cancelamento. Sendo assim, pretendemos investigar a linguagem, a melodia e a imagem em movimento presentes no videoclipe A Queda, da cantora Gloria Groove, e a sua relação com o discurso de ódio presente na Cultura do Cancelamento. Objetivamos durante a pesquisa, contextualizar e relacionar os conceitos sobre sociedade em rede (Castells, 1999), convergência das mídias (Kellner, 2001; Jenkins, 2009; Recuero, 2009), cultura pop (Janotti, 2015) e a cultura do cancelamento (Rocha e José, 2021; Tiburi, 2015. Arendt, 1999). Para que isso seja possível, utilizaremos a pesquisa bibliográfica como metodologia e para articular o som e a imagem em movimento, os métodos definidos foram a Bauer (2002) para analisar o ruído e a música e Rose (2002) para examinar as imagens em movimento. Para sistematizar nosso trabalho em etapas de forma objetiva e clara, dividimos o percurso em três categorias: análise sonora e linguística (som e letra), análise visual (imagem em movimento) e análise narrativa (o sentido da cena). Após realizarmos a análise, percebemos como as categorias definidas conversam com o discurso de ódio presente na Cultura do Cancelamento. Consequentemente, após a realização da análise do videoclipe, percebemos que o ódio está tão intrínseco em nossa sociedade, que não notamos como, constantemente, estamos repetindo padrões de comportamentos do passado. Concluímos, também, que o clipe A Queda, da cantora Gloria Groove, conseguiu mostrar como esse ódio está presente na nossa sociedade, da mesma forma, em que se manifesta através do âmbito da internet e das redes sociais, como resultado das opiniões e falas publicadas nessas plataformas.

Palavras-Chave: cultura do cancelamento; meios de comunicação; redes sociais; videoclipe; A Queda.

## ABSTRACT

The technological advances that enabled the emergence of the Internet and the expansion of mass communication media promoted new forms of communication, interaction, and relationship within social networks. These advances allowed individuals a freedom to expose their opinions without thinking about the consequences of what is being said on them, disseminating hate speech. The unrestricted use of social networks has provided a platform of worldwide reach for the Cancel Culture. Thus, we intend to investigate the language, the melody, and the moving image present in the music video *A Queda*, by the singer Gloria Groove, and its relation to the hate speech present in the Cancel Culture. We aim during the research, to contextualize and relate the concepts about network society (Castells, 1999), media convergence (Kellner, 2001; Jenkins, 2009; Recuero, 2009), pop culture (Janotti, 2015) and the culture of cancellation (Rocha and José, 2021; Tiburi, 2015; Arendt, 1999). To make this possible, we will use bibliographic research as methodology and to articulate sound and moving image, the methods defined were Bauer (2002) to analyze noise and music and Rose (2002) to examine moving images. To systematize our work in steps in an objective and clear way, we divided the course into three categories: sound and linguistic analysis (sound and lyrics), visual analysis (moving image), and narrative analysis (the meaning of the scene). After performing the analysis, we realized how the defined categories converse with the hate speech present in Cancel Culture. Consequently, after performing the analysis of the video clip, we realize that hate is so intrinsic in our society that we do not notice how, constantly, we are repeating patterns of behaviors from the past. We also concluded that Gloria Groove's clip *A Queda* (The Fall) managed to show how this hatred is present in our society, in the same way that it manifests itself through the internet and social networks, as a result of the opinions and speeches posted on these platforms.

Keywords: cancel culture; media; social networks; music video; *A Queda*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Letra da música A Queda.....	40
Figura 2 – Anúncio do espetáculo .....	41
Figura 3 – Anúncio do espetáculo .....	41
Figura 4 – Anúncio do espetáculo .....	41
Figura 5 – Anúncio do espetáculo .....	41
Figura 6 – Anúncio do espetáculo .....	42
Figura 7 – Anúncio do espetáculo .....	42
Figura 8 – Letra da música A Queda.....	44
Figura 9 – A exposição .....	44
Figura 10 – A exposição .....	44
Figura 11 – A exposição .....	45
Figura 12 – A exposição .....	45
Figura 13 – A exposição.....	45
Figura 14 – A exposição.....	45
Figura 15 – Letra da música A Queda.....	47
Figura 16 – O cancelamento.....	48
Figura 17 – O cancelamento.....	48
Figura 18 – O cancelamento.....	48
Figura 19 – O cancelamento.....	48
Figura 20 – O cancelamento.....	49
Figura 21 – O cancelamento.....	49
Figura 22 – Letra da música A Queda.....	50
Figura 23 – Ventríloquo & Marionete.....	51
Figura 24 – Ventríloquo & Marionete.....	51
Figura 25 – Ventríloquo & Marionete.....	52
Figura 26 – Ventríloquo & Marionete.....	52
Figura 27 – Ventríloquo & Marionete.....	52
Figura 28 – Ventríloquo & Marionete.....	52
Figura 29 – Ventríloquo & Marionete.....	52
Figura 30 – Ventríloquo & Marionete.....	52

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	13
<b>2 CANCELAMENTO E CULTURA DA MÍDIA NO TRIBUNAL DAS REDES</b> .....	18
<b>3 ASCENSÃO E QUEDA NA CULTURA POP: UM OLHAR SOBRE O VIDEOCLIBE DE GLORIA GROOVE</b> .....	30
<b>4 “EXTRA, EXTRA, LOGO O SHOW COMEÇA”: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CATEGORIAS VISUAL, SONORA, LINGUÍSTICA E NARRATIVA EM “A QUEDA”</b> .....	36
<b>4.1 Cena 01 – Anúncio do espetáculo</b> .....	41
4.1.1 Análise Sonora e Linguística (00’00” a 00’38”) .....	41
4.1.2 Análise Visual (00’06” a 00’38”).....	42
4.1.3 Análise Narrativa (00’06” a 00’38”) .....	44
<b>4.2 Cena 02 – A Exposição</b> .....	45
4.2.1 Análise Sonora e Linguística (00’39” a 00’54”) .....	45
4.2.2 Análise Visual (00’39” a 00’54”).....	45
4.2.3 Análise Narrativa (00’39” a 00’54”) .....	47
<b>4.3 Cena 03 – O cancelamento</b> .....	48
4.3.1 Análise Sonora e Linguística (01’23” a 01’37”) .....	48
4.3.2 Análise Visual (01’23” a 01’37”).....	49
4.3.3 Análise Narrativa (01’23” a 01’37”) .....	50
<b>4.4 Cena 04 – Ventríloquo &amp; Marionete</b> .....	51
4.4.1 Análise Sonora e Linguística (02’23” a 2’53”) .....	51
4.4.2 Análise Visual (02’23” a 2’53”).....	52
4.4.3 Análise Narrativa (02’23” a 2’53”) .....	55
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60
<b>ANEXOS</b> .....	64

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Você sabe o que é a cultura do cancelamento? O termo como conhecemos hoje, surgiu em 2017<sup>1</sup>, através do movimento “*MeToo*”<sup>2</sup>. Esse movimento consistia em uma série de denúncias de atrizes hollywoodianas que expuseram na internet diversos casos de assédio sexual sofridos, durante anos, por elas, dentro da indústria cinematográfica americana. Uma prática que começou como uma boa causa, já não é mais utilizada da mesma forma. Com o passar dos anos, observamos o cancelamento sendo utilizado para boicotar obras de arte, marcas e empresas; cancelar artistas, e até em alguns casos, pessoas anônimas, que tiveram uma atitude ou fala considerada errada pela grande massa que compõem a internet. Há diversos casos em que este cancelamento é temporário e, em outros, que ele é permanente.

A cultura do cancelamento, entretanto, não é um movimento tão recente quanto pensávamos, mas sim, um “novo apelido” dado para retratar as práticas de ódio, linchamento e ostracismo que ocorreram no passado. A prática de linchar alguém significa executar sumariamente, sem direito a um julgamento regular e por decisão coletiva, alguém considerado criminoso ou suspeito de sê-lo. Já o ostracismo, era uma espécie de punição aplicada pelo voto dos cidadãos de Atenas, na Grécia Antiga, onde uma pessoa era banida da sociedade por um período de dez anos. Desse modo, percebemos que o discurso de ódio sempre esteve intrínseco em nossa sociedade, e que vai evoluindo conforme ela se desenvolve.

Com o advento da internet, os meios de comunicação em massa tiveram o seu alcance expandido possibilitando novas formas de interação e de relacionamento entre indivíduos dentro de um mesmo ambiente virtual. A partir disto, o surgimento e a evolução das redes sociais facilitaram ainda mais a comunicação e o debate entre as pessoas, permitindo a qualquer um expor suas opiniões, tanto negativas quanto positivas, dentro das redes sociais. Com isso, o “mundo virtual” tornou-se um “tribunal da internet”, onde as pessoas passaram a expor, julgar, condenar e executar alguém por atitudes, falas e posicionamentos<sup>3</sup> que vão contra o que a maioria toma por correto.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [A cultura do cancelamento, uma forma de mudança que gera a polarização - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](https://www.istoé.com.br/coluna/a-cultura-do-cancelamento-uma-forma-de-mudanca-que-gera-a-polarizacao-isto-e).

<sup>2</sup> Traduzido para o português como “eu também”.

<sup>3</sup> Disponível em: [Cultura do cancelamento nas redes sociais - Meon](https://www.meon.com.br/coluna/cultura-do-cancelamento-nas-redes-sociais-meon)

Diante do que foi exposto, o presente trabalho analisou o videoclipe ‘A Queda’ do cantor Daniel Garcia Felicione Napoleão, mais conhecido pelo seu nome artístico de *drag queen*<sup>4</sup>, Gloria Groove. Em suas composições, os ritmos musicais variam entre *soul*, *trap*, *R&B* e funk brasileiro. Em 15 de outubro de 2021, a cantora lançou em seu canal do YouTube, o videoclipe de sua música intitulada como “A Queda”, que faz parte do álbum “Lady Leste”<sup>5</sup>. A partir disto, foi possível relacionamos a produção do videoclipe com a Cultura Pop, já que ela tem o papel de propagar as representações sociais através da mídia. Muito do que compreendemos sobre a Cultura pop ocorre a partir do debate sobre a música popular, podendo afirmar que a música funciona como um indicador cultural a partir do que é produzido e consumido pela sociedade.

Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo geral, examinar a cultura do cancelamento a partir do videoclipe “A Queda” da cantora Gloria Groove. Para atingirmos este objetivo, foi necessário passarmos por algumas etapas que expressaram-se nos seguintes objetivos específicos: (a) definir e relacionar os conceitos sobre sociedade em rede, convergência de mídias e cultura pop; (b) conceituar a cultura do cancelamento; (c) analisar a relação entre a imagem em movimento, a letra da música e a melodia sonora através da produção de sentido; (d) estabelecer categorias para análise da imagem que se relacionem com a cultura do cancelamento.

Desta forma, a pesquisa pode se justificar, a partir dos conceitos da pesquisadora Lucia Santaella, que definiu a justificativa de um projeto de ordem científico-teórico quando ela for auxiliar na ampliação do conhecimento teórico já existente e quando pretende-se preencher as lacunas de conhecimento da área. Em vista disto, o presente trabalho pôde auxiliar na ampliação dos estudos já existentes sobre as produções audiovisuais, relacionando o texto (letra da música), a imagem (videoclipe), e o som (melodia da canção), formando um elo entre eles; auxiliar no preenchimento de lacunas no conhecimento da área, por contribuir no desenvolvimento de mais pesquisas sobre a cultura do cancelamento, que por se tratar de um tema consideravelmente recente, ainda não existem muitos estudos na área da comunicação; e por desenvolver uma pesquisa que pôde servir de material referencial para futuros trabalhos

---

<sup>4</sup> A origem do termo surgiu nos Estados Unidos, por volta de 1800, derivada da expressão “*Dressed Resembling a Girl*”, que traduzida para o português, significa ‘Vestido Semelhante a uma Menina’. A expressão é utilizada para se referir à um homem que se transveste de mulher, de forma artística ou não, para poder interpretar alguma personagem feminina. Disponível em: <https://definicao.net/drag-queen-significado/>.

<sup>5</sup> Entrevista realizada com a cantora no site POPLine no dia 29 de outubro de 2021. Disponível em: [Gloria Groove mostra bastidores do clipe “A QUEDA” - POPLine \(portalpopline.com.br\)](https://portalpopline.com.br/).

que abordam a cultura do cancelamento pelo olhar semiótico, analisando os produtos audiovisuais na cultura pop.

O projeto também pode ser de ordem científico-prático, quando se buscou aplicar uma teoria a um fenômeno julgado como problemático. Como há poucas pesquisas na área da comunicação sobre a cultura do cancelamento, o trabalho pôde apresentar novos dados que relacionam o discurso do cancelamento com a comunicação em massa e a sociedade em rede. Dito isso, partimos para a justificativa de ordem social, que é quando o conhecimento que resultar da pesquisa estiver voltado para a reflexão e debate em torno dos problemas sociais, e quando um conhecimento prático é buscado por meio da intervenção na realidade social. Por fazer parte do nosso cotidiano, as redes sociais influenciam em diversas áreas da sociedade. Sendo assim, foi necessário entender a forma como o discurso de ódio interfere e repercute nos padrões de consumo desses artistas e na sociedade em geral. Para além disso, ver como o discurso gerado nas redes sociais afeta direta e indiretamente a vida das pessoas. Por conta do grande grau de repercussão em torno desse assunto, a cultura do cancelamento interfere diretamente na nossa realidade social. Por fim, no âmbito pessoal, a escolha do tema coaduna-se ao interesse da autora sobre entender quais são os estímulos que fazem com que as pessoas tenham determinados comportamentos, falas, atitudes e afins. O interesse sobre este tema, começou em 2015 quando entrou para o curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), onde permaneceu até o ano de 2018, quando passou para o curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Durante todo o trajeto acadêmico, em ambas as instituições, os componentes que sempre instigaram a autora foram os de produção de sentido e audiovisual, convergência de mídias e psicologia. A escolha do tema e do objeto de pesquisa, ocorreu pelo discurso presente no videoclipe *A Queda*, estar alinhado com os comportamentos presentes atualmente na sociedade e por conta da relevância do assunto no contexto social e comunicacional.

Para ilustrar o estudo proposto, realizamos o estado da arte, onde foi necessário buscar referências sobre “linguagem audiovisual”, “semiótica” e “cultura do cancelamento” nas plataformas LUME – Repositório Digital da UFRGS<sup>6</sup>, RIU – Repositório Institucional da Unipampa<sup>7</sup>, SciELO<sup>8</sup> e Google Acadêmico. Após a busca por essas palavras-chaves, foi

---

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>7</sup> Universidade Federal do Pampa.

<sup>8</sup> Scientific Eletronic Library Online.

realizada uma filtragem nos assuntos mais relevantes para a pesquisa, que são: audiovisual, música, semiótica, *communication*, publicidade, ciências sociais aplicadas, cultura do cancelamento, direito, psicologia e sociedade. Foram encontrados diversos materiais sobre o assunto, como por exemplo: artigos publicados em anais de eventos, trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado. Dos trabalhos encontrados com a proximidade do tema, destacamos os seguintes: a dissertação de mestrado intitulada de “*Youtube: Imagem-Música em vídeo para web*”, apresentada em 2012 pelo autor Marcelo Bergamin Conter; o trabalho de conclusão de curso respeito da “*Semiótica e sonorização no globo repórter: uma abordagem Peirceana*” apresentado pelo autor Rodrigo da Silva Nogueira em 2016; o trabalho de conclusão do autor Pedro Lunardi Frizzo, apresentado em 2018 sobre a “*A produção de sentido na narrativa fílmica Baby Drive a partir das concepções semióticas Peirceanas*”; e a monografia com relação “*Às variáveis preditoras da cultura do cancelamento nas redes sociais*”, apresentado em 2020 por Laura Zorzo Hoescher. Durante a pesquisa, notamos que existem trabalhos que envolvem cada uma dessas temáticas, porém não encontramos nenhuma produção específica que envolva a análise semiótica de um videoclipe relacionado com o discurso da cultura do cancelamento. Apesar deste ser um assunto muito falado atualmente, ainda são poucas as literaturas específicas sobre o tema.

Na pesquisa, optou-se pela divisão do procedimento metodológico em duas etapas. Na primeira etapa, foi realizado um levantamento teórico através da metodologia de Pesquisa Bibliográfica que buscou reunir materiais relacionados com o objeto de estudo. Na segunda etapa, utilizamos como métodos a Análise de Ruído e Música como Dados Sociais e a Análise de Imagens em Movimento. Após a escolha dos métodos, foram definidas as três categorias de análise e seus procedimentos, sendo detalhados da seguinte forma: (a) a análise sonora e linguística, que buscará articular as relações entre som (ruídos, silêncios, etc.) e sentido no contexto do corpus e compreender a letra da música como elemento orientador dos pontos de discussão que tematizam esse trabalho, tais como, principalmente, a cultura do cancelamento; a (b) análise visual, que examinará as imagens, signos e símbolos significativos para a compreensão do videoclipe; e a (c) análise narrativa, que estudará a história que é contada, sob uma perspectiva imanente, pela artista na organização das outras camadas unidas como um todo orgânico estético. Por fim, definimos as quatro micronarrativas presentes dentro do videoclipe a serem analisadas.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro as considerações iniciais do projeto. No segundo capítulo, “*Cancelamento e cultura da mídia no Tribunal das*



*Redes*”, abordamos o discurso de ódio presente, atualmente presente na sociedade, e como o surgimento da internet, a evolução dos meios de comunicação, a cultura midiática e a criação das redes sociais, potencializaram esse discurso, transformando as internet em um tribunal. No capítulo seguinte, *“Ascensão e queda na Cultura Pop: um olhar sobre o videoclipe de Gloria Groove”*, abordamos a relação entre a cultura a mídia e a cultura pop, o percurso histórico desde o surgimento da música pop, como cultura popular, até a criação da rede social YouTube, e a história da cantora Gloria Groove e sua relação com o pop. Por fim, no quarto e último capítulo da pesquisa, *“Extra! Extra! Logo o show começa: uma análise a partir das categorias sonora e linguística, visual e narrativa em “A Queda”*, explicaremos o nosso objeto de estudo, a metodologia e os métodos utilizados para a realização da análise do videoclipe, como também, as categorias definidas para a realização do exame das micronarrativas presentes no clipe e a sua relação com a cultura do cancelamento.

## 2 CANCELAMENTO E CULTURA DA MÍDIA NO TRIBUNAL DAS REDES

Desde o início da história da humanidade e no decorrer do seu desenvolvimento, o sentimento de ódio sempre esteve presente em todas as civilizações. De acordo com Marcia Tiburi, autora do livro *Como Conversar com Um Fascista - Reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro*, “podemos definir o ódio como uma emoção. Como algo passional. Daí a impressão, no âmbito de suas manifestações, de que ele seja um afeto primitivo e não cultural, que seja selvagem e não civilizado” (2015, p. 29). Dito isso, entendemos que o discurso de ódio presente na cultura do cancelamento coaduna-se à ideia de julgamento. Nesse sentido, os dicionários *Michaelis*<sup>9</sup> e *Aulete*<sup>10</sup> definem a palavra julgar como “tomar uma decisão [...] na qualidade de juiz ou árbitro; formar conceito sobre alguém ou alguma coisa; lavrar ou pronunciar uma sentença de absolvição ou condenação”. Deste modo, adentramos nos eventos históricos ocorridos ao longo dos séculos, no qual vemos a sociedade praticando o ato de julgar. A título de exemplo, temos a criação da Santa Inquisição pela Igreja Católica, durante o período da Idade Média, cujo objetivo era combater a heresia, a blasfêmia, a bruxaria, os costumes considerados impróprios e quem contestasse os dogmas impostos pela Igreja.

Ser chamado de ‘herege’ era como ser sentenciado a morte, enfrentando julgamentos parciais e rápidos, destinados a terríveis penas em praças públicas como forma de servir de exemplo para a comunidade local (ROCHA; JOSÉ, 2020, p. 29).

Avançando um pouco na linha do tempo, mais precisamente entre os séculos XV e XVIII, novamente, vemos o ódio, a perseguição e o julgamento ocorrendo no movimento denominado como Caça às Bruxas. Este movimento popular perseguia os indivíduos considerados imorais e que desprezavam os bons costumes. Na maioria dos casos, os julgamentos eram seguidos da execução sem dar nenhum tipo de defesa aqueles que eram sentenciados.

Qualquer um, homem ou mulher, poderia ser queimado vivo pela implicância dos vizinhos, familiares ou alguém que apontasse o dedo com uma denúncia de bruxaria reforçada por fake news. [...] De acordo com o livro *O martelo das feiticeiras*, escrito em 1486 por inquisidores, nos informa que o processo contra o crime de bruxaria poderia ser instalado por três métodos: partir da acusação de alguém com provas de heresia; por uma denúncia sem provas de quem não quisesse se envolver, diretamente, com a causa; e, por fim, sem acusador ou informante, apenas por uma denúncia geral, o juiz solicitar a inquisição na localidade ou cidade. A tortura era uma das fases do processo para chegar na confissão e ter uma sentença ‘justa’ (ROCHA; JOSÉ, 2021, p. 28).

---

<sup>9</sup> JULGAR. In: **MICHAELIS**, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: [Julgar | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](https://www.michaelis.com.br/).

<sup>10</sup> JULGAR. In: **AULETE DIGITAL**, Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Lexikon Editora Digital, 2007. Disponível em: [Dicionário Online - Dicionário Caldas Aulete - Significado de julgar](https://www.aulete.com.br/).

A partir do que foi exposto acima, entendemos que os acontecimentos recentes podem ser baseados nos eventos passados, mas que nunca serão exatamente iguais, pois os tempos e as situações são outras. Diante disto, Manuel Castells afirma em seu livro *A Sociedade em Rede*, que:

Vivemos em tempos confusos, como muitas vezes é o caso em períodos de transição entre diferentes formas de sociedade. Isso acontece porque as categorias intelectuais que usamos para compreender o que acontece à nossa volta foram cunhadas em circunstâncias diferentes e dificilmente podem dar conta do que é novo referindo-se ao passado (CASTELLS, 1999, p. I).

Na história da humanidade, de tempos em tempos, alguns tópicos emergem a partir de contextos que transmitem o sentido da época. É seguro afirmar, que o novo tópico emergente hoje, é a cultura do cancelamento. Nesta mesma perspectiva, entendemos, que apesar das sentenças públicas não serem algo novo em nossa sociedade, por conta do advento da internet e do surgimento das redes sociais, estas ações se intensificaram. Para que possamos compreender mais sobre este assunto, é necessário contextualizar a origem da internet e dos principais acontecimentos até o surgimento das redes sociais, onde se aumentou a possibilidade de expressão e sociabilização entre os indivíduos.

Durante os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e nos anos seguintes, ocorreram as principais descobertas tecnológicas. Segundo Castells (1999, p. 44), a internet nasceu nos anos de 1960 através de um esquema elaborado pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, cujo objetivo era impedir a tomada ou a destruição de seu sistema de comunicação pelos soviéticos. Nos anos seguintes, “a tecnologia digital permitiu o empacotamento de todos os tipos de mensagens, inclusive de som, imagens e dados” (CASTELLS, 1999, p. 82). Em 1969, surge a primeira rede de computadores chamada ARPANET. A partir da década de 1970, uma transformação tecnológica estava ocorrendo: a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Em outras palavras, a integração do mesmo sistema de comunicação nas modalidades escrita, oral e audiovisual, acabou alterando a forma de se comunicar.

De acordo com Postman (1985, *apud* CASTELLS, 1999, p. 414), a comunicação molda a cultura, pois não vemos a realidade como ela é, mas sim, como nossa linguagem nos mostra, o que a torna o nosso meio de comunicação. Logo, as metáforas ocorrem através deste meio, pois é a partir delas que são criados os conteúdos da nossa cultura. Com o surgimento de um novo sistema de comunicação eletrônica, caracterizado por seu alcance global, as novas tecnologias transformaram o mundo da mídia. Nesse contexto, o autor Douglas Kellner afirma

em seu livro *A Cultura da Mídia*, que “a cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global” (KELLNER, 2001, p. 9). Diante disso, Castells explica que foi durante a década de 1980 que:

Jornais foram escritos, editados e impressos à distância, permitindo edições simultâneas do mesmo jornal sob medida para várias áreas importantes [...]. O rádio foi se especializando cada vez mais, com estações temáticas e subtemáticas [...]. Os videoclipes estavam representando mais de 25% do total da produção de vídeos, tornaram-se uma nova modalidade cultural que deu forma às imagens de toda uma geração de jovens e realmente mudou o setor musical (CASTELLS, 1999, p. 422-423).

Para o autor (2001, p. 9), essa cultura consistia em sistemas de rádio e reprodução de som, de filmes e da forma como a sua distribuição ocorria, pela imprensa, que vai desde os jornais à revistas, e pelo sistema de televisão, que estava no centro desta cultura. As transformações ocorridas no mundo da mídia pelas novas tecnologias repercutiram diretamente nos meios de comunicação, mais precisamente no setor musical. O impacto causado nos jovens dos anos 1980 com o aumento da produção de videoclipes, ocasionou na criação de uma nova modalidade cultural.

Compreendemos, a partir dessa perspectiva, a explicação de Henry Jenkins (2009, p. 164) sobre a diferenciação que os estudiosos de mídia mantinham entre a cultura de massas e a cultura popular, expostas em seu livro *Cultura a Convergência*. Para esses estudiosos, a cultura de massa estava inserida em uma categoria de produção e a cultura popular, em uma categoria de consumo. Era entendido por eles, que a cultura popular ocorria quando os materiais da cultura de massa chegavam às mãos dos consumidores.

Foi somente no ano de 1989, que o inventor Tim Bernes Lee apresentou o *World Wide Web*<sup>11</sup>. A partir da perspectiva tecnológica, Castells (1999, p. 87-88) afirma que foi através da criação do WWW, que ocorreu um novo salto tecnológico permitindo a propagação da Internet na sociedade em geral. Mas foi somente no ano de 1995, com o desenvolvimento dos primeiros navegadores, que a maior parte da população teve acesso à internet, mudando assim, a forma como passamos a consumir produtos midiáticos e utilizando a tecnologia a favor da cultura do entretenimento. Tendo como base os avanços tecnológicos ocorridos na década de 90, Jenkins, afirma que foi durante este período que “a retórica da revolução digital continha uma suposição [...] de que os novos meios de comunicação eliminariam os antigos, que a Internet substituiria

---

<sup>11</sup> Traduzido para Rede Mundial de Computadores.

a radiodifusão e que tudo isso permitiria aos consumidores acessar mais facilmente o conteúdo que mais lhes interessasse” (2009, p. 24). Para o autor, era o pensamento convergente que estava reformando a cultura popular americana e impactando a relação entre os públicos, produtores e conteúdo midiático.

O autor ainda destaca que a convergência representa uma mudança na forma como vemos o nosso relacionamento com as mídias. Estas mudanças ocorrem primeiro por meio do nosso relacionamento com a cultura popular, mas as experiências que adquirimos, tem implicações diretas na forma como estudamos, trabalhamos e nos conectamos com pessoas de outras partes do mundo (2009, p. 39). Em entrevista concedida no ano de 2016 para a Revista Intercom<sup>12</sup> (Intercom Revista Brasileira de Ciências da Comunicação), sobre a “*Convergência e conexão são o que impulsiona a mídia agora*”, Jenkins explica que a convergência e a conexão são o que impulsionam a mídia agora e são o que garantem que ela seja importante em todos os níveis. Nessa ótica, a convergência das mídias não é somente uma mudança tecnológica, mas sim, uma alteração na relação entre as tecnologias. Além de alterar a forma como a indústria midiática operava, a convergência das mídias alterou a forma como os consumidores processavam as notícias e o entretenimento. Em outras palavras, a convergência mudou o modo de consumo de uma sociedade. Por conta disso, nossa sociedade passou a se conectar e a se comunicar cada vez mais por meio de múltiplos canais de mídias. Jenkins afirma que:

A convergência não depende de qualquer mecanismo de distribuição específico. Em vez disso, a convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia (JENKINS, 2009, p. 268).

É nesse contexto, que a convergência define as transformações mercadológicas, tecnológicas, sociais e culturais, pois representava a transição cultural na medida em que os usuários faziam conexões em meio aos conteúdos midiáticos dispersos em busca de novas informações. De acordo com Kellner (2001, p. 9), a cultura transmitida pelas mídias, através de sons e imagens, auxilia na construção do cotidiano, pois ela modela opiniões e comportamentos sociais para que as pessoas possam criar sua própria identidade. Nesse sentido, Castells (1999, p. 414) afirma que a cultura é medida e determinada pela comunicação e pelas próprias culturas. Isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico com o passar do tempo. Essas

---

<sup>12</sup> Disponível em:

['Convergencia e conexao sao o que impulsiona a midi a agora'.](https://www.researchgate.net/publication/301923243)

transformações só foram possíveis a partir da criação da internet e do desenvolvimento dos primeiros navegadores. Com isso, foi possível mudar a forma de consumo dos produtos midiáticos, facilitando o acesso a outros conteúdos de interesse dos consumidores.

Kellner explica que “a cultura da mídia almeja grande audiência; por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais”. Pode-se dizer que a mídia, “é o lugar onde se travam batalhas pelo controle da sociedade” (2001, p.9). Simbolicamente, a mídia representa as identidades presentes na sociedade e os temas que estão sendo postos em discussão. Segundo Kerckhove (1997, p. 176-178 *apud* SANTAELLA, 2003, p. 104), “enquanto a televisão e o rádio nos trazem notícias e informação em massa de todo o mundo, as tecnologias sondadoras, como o telefone ou as redes de computadores, permitem-nos ir instantaneamente a qualquer outro ponto e interagir com esse ponto”. Compreende-se, então, que a ascensão da internet mudou nossa relação com a vida de forma indiscutível.

Através desses avanços, houve a potencialização do envolvimento dos usuários na criação, compartilhamento e divulgação de arquivos na Internet. Diferente do que ocorria durante a década de 90, com a Web 1.0, onde os sites que predominavam na Internet possuíam o seu conteúdo estático e com pouca interatividade dos usuários. Nessa época, eles eram utilizados, principalmente, por estudiosos nas universidades e nos laboratórios científicos, conforme citado por Graham<sup>13</sup> (2009, p. 28 *apud* OLIVEIRA; MAZIERO; ARAUJO, 2018, p. 62). Por conta desse avanço tecnológico, na Web 2.0, houve um aumento do número de sites que começaram a ser baseados em dados coletados e publicados através da interação desses internautas.

A transição do formato da Web 1.0 para a 2.0 reflete principalmente numa mudança estrutural do modelo tradicional da web estática, para uma dinâmica, social, conversacional, e por isso, mais simples de interagir. O termo Web 2.0<sup>14</sup> foi popularizado pela empresa americana O ‘Reilly Media, em 2004, para designar a segunda geração da web (2000-2009) de comunidades e serviços. Embora tenha uma conotação de uma nova versão da web, o termo não se refere a uma atualização de suas especificações técnicas, mas sim a mudança na forma como os usuários interagem e participam da rede. Se antes ela era construída por meio de sites

---

<sup>13</sup> OLIVEIRA, F. R.; MAZIERO, R. C.; ARAÚJO, L. S. de. UM ESTUDO SOBRE A WEB 3.0: evolução, conceitos, princípios, benefícios e impactos. **Revista Interface Tecnológica**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 60–71, 2018. DOI: 10.31510/infa.v15i2.492. Disponível em:

<https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/492>.

<sup>14</sup> Disponível em: [Web 2.0 – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](http://Web 2.0 – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org))

que colocavam tudo online de forma estática e não oferecendo nenhum tipo de interação com os seus usuários, agora era possível criar conexões entre os usuários por meios de comunidades com interesses em comum. Foi através dela que se iniciou “um novo conceito, ‘a partilha’, em que dados e informações são compartilhados nas redes sociais digitais, visualizando uma espécie de canal preferencial, onde os blogues<sup>15</sup> e o Twitter<sup>16</sup> são tidos como local de debates e discussões referente a temáticas sociais, económicas e políticas. (BLATTMANN, 2007, p.199 *apud* OLIVEIRA; MAZIERO; ARAUJO, 2018, p. 62).

De acordo com O ‘Reilly<sup>17</sup> (*apud* PRIMO, 2007, p. 3), um dos princípios chave da Web 2.0 são os serviços se tornarem melhores quanto mais pessoas usarem. Para Primo, “a segunda geração de serviços online [...] caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo” (2007, p. 2). Através disto, podemos notar que os serviços e as interações dentro da Internet evoluíram e propiciaram um espaço com melhores experiências de participação e navegação, e principalmente, o aprimoramento das redes sociais.

Para a autora Raquel Recuero, uma rede social é definida por “um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)” (2009, p. 24, grifo da autora). Em seu livro *Redes sociais na internet*, ela explica que os atores representam as pessoas que estão envolvidas nas redes, sejam eles usuários ou perfis. Por outro lado, as conexões são representadas pelos laços sociais que são constituídos através das interações sociais entre os atores. Sendo assim, todas as interações sociais que temos no ambiente virtual servem como impulso para o seu funcionamento. Vale ressaltar que o conceito de redes sociais existe desde o início dos tempos, pois é considerado rede social, a

---

<sup>15</sup> O termo Blog foi criado em 17 de dezembro de 1997 por Jorn Barger. O seu significado é a contração dos termos em inglês web e log, que são traduzidos para o português, como "diário da rede". Sua abreviação foi criada por Peter Merholz. Um blogue é um site estruturado que permite ao usuário a atualização rápida a partir de adições de artigos, postagens ou publicações. Geralmente são organizados de forma cronológica e podem ser escritos por um número variável de pessoas. Muitos blogues fornecem comentários ou notícias sobre um determinado tópico. Outros operam como um diário online. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>.

<sup>16</sup> O Twitter é uma rede social digital americana e foi criada e lançada em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass e foi lançado em Julho de 2006 nos EUA. A ideia original dos fundadores era que o Twitter seria uma espécie de "mensagem de texto da Internet" com os limites de caracteres das mensagens de texto do celular e com um conceito de compartilhamento de conteúdo rápidos e instantâneos. A estrutura da rede é organizada como um microblog que permite aos seu usuários enviar e receber atualizações pessoais utilizando até 280 caracteres de texto, conhecidos como "tweets". Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>.

<sup>17</sup> PRIMO, A. (2007). **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** *E-Compós*, 9. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.153>

formação de grupos de indivíduos que interagem entre si e compartilham dos mesmos hábitos, costumes e características.

As redes sociais existem desde que o homem pré-histórico que se organizava em comunidades em busca de um objetivo em comum. Trata-se de “um grupo de pessoas de pensamento parecido que se reúnem em um lugar comum para partilhar pensamentos, ideias e informações sobre si próprios.” (BRAKE, 2010, p. 29 *apud* SILVA; TESSAROLO, 2016, p. 2-3)<sup>18</sup>.

Do mesmo modo, a Internet como uma plataforma para as redes sociais, mantém as principais características do passado, pois proporciona um espaço de interação para que estes indivíduos partilhem dos mesmos interesses. Através dessas conexões os usuários podem obter informações de uma fonte diversificada de informações, notícias e opiniões. Segundo Recuero (2009, p. 102), “um dos aspectos mais populares para a compreensão das redes sociais na Internet é o estudo dos sites de redes sociais”. Para a autora, estes sites são resultado da apropriação dos aparatos de comunicação mediadas pelos computadores e pelos atores sociais. O conceito de Sites de Redes Sociais definido por Boyd & Ellison, são “aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator” (2007 *apud* RECUERO, 2009, p. 102). A partir dos conceitos apresentados sobre o nascimento e desenvolvimento da Internet, podemos nos aprofundar nos aspectos das redes sociais como plataforma para a cultura do cancelamento.

Hoje, redes sociais como Facebook<sup>19</sup>, Instagram<sup>20</sup>, Youtube e Twitter estão entre as ferramentas mais importantes nas mídias sociais e desempenham um papel central na circulação

<sup>18</sup> 39º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2016, São Paulo. **Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia**. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2104-1.pdf>.

<sup>19</sup> Facebook é uma mídia social e rede social virtual lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Meta, Inc.. Fundado por Mark Zuckerberg e por seus colegas de quarto da faculdade Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. A criação do site foi inicialmente limitada pelos fundadores aos estudantes da Universidade Harvard, mas foi expandida para outras faculdades na área de Boston, da Ivy League e da Universidade Stanford. Em 4 de outubro de 2012, o Facebook atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos, sendo por isso a maior rede social virtual em todo o mundo. Em 27 de junho de 2016, o Facebook atingiu a marca de 2 bilhões de usuários ativos. Os usuários têm perfis onde podem postar fotos, textos, vídeos e realizar diversas ações como adicionar outros usuários como amigos, trocar mensagens privadas individualmente ou em grupos, ingressar em grupos relacionados aos seus interesses, seguir páginas de organizações ou pessoas que desejam seguir ou criar eventos. Dependendo do modo de privacidade configurado pelo usuário, as publicações do usuário aparecem na linha do tempo e ficam acessíveis para seus amigos, amigos de amigos e/ou público. Disponível em: [Facebook – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook).

<sup>20</sup> O Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em diversos serviços de redes sociais. Lançada em 2010, a rede foi fundada por Kevin Systrom e Mike Krieger. O aplicativo rapidamente se tornou popular, com mais de 100 milhões de usuários ativos em abril de 2012, na mesma época em que foi adquirido pelo Facebook. A rede social permite que os usuários postem fotos e vídeos de até 60 segundos de duração e oferece uma variedade de filtros para os usuários aplicarem em suas fotos. Assim como no Twitter, os usuários não precisam enviar solicitações



global de produtos. Por meio delas, os usuários publicam, compartilham, curtem e distribuem conteúdos que gostem ou achem interessante. Através dessa ótica, os autores Marcelo Hugo Rocha e Fernando Elias José afirmam em seu livro *Cancelado: a cultura do cancelamento e o prejulgamento nas redes sociais* que a “perspectiva ininterrupta de conexão que é vivenciada pela população atual – principalmente, entre os adolescentes –, está mudando drasticamente o entorno pelo qual estão todos sendo criados” (2021, p. 15). Compreende-se então, que o uso excessivo das redes sociais, principalmente, por jovens nascidos entre os anos 1990 e 2000, denominados como Geração Digital, tem sido um problema conforme a evolução da internet e das redes sociais. O crescimento dessa geração sob a perspectiva de estarem sempre conectados com alguma mídia digital trouxe drásticas mudanças no comportamento humano, conforme explicam os autores.

A partir dessas interações dentro das redes sociais, os autores Rocha e José (2021, p. 33), afirmam que todos nós somos potenciais digitais influencers. Segundo a autora Marcia Tiburi, “falamos demais, dizemos demais. Emitir informação particular tornou-se um hábito desde a invenção da internet e, mais ainda, das redes sociais” (2015, p. 126). Em outras palavras, quando damos nossa opinião, estamos influenciando outros indivíduos a concordarem ou não com ela, independente de sermos pessoas públicas ou anônimas. Logo, “as redes não são apenas um conjunto de atores sociais, mas também de interações produzidas entre eles” (ROCHA; JOSÉ, 2021, p. 32), pois através dessas interações, tornou-se muito mais prático a qualquer indivíduo na internet, expressar suas opiniões, sejam elas positivas ou negativas. Para os autores, “só na Era Digital, os conceitos como linchamento virtual, [...] previam sobre movimentos de internautas com o objetivo de ridicularizar, humilhar e envergonhar àqueles que julgavam merecer, além de engajar outros a fazerem o mesmo” (ROCHA; JOSÉ, 2021, p. 39).

Por esse ponto de vista, entendemos que o julgamento não é uma criação recente, mas sim, um termo que vem se reinventando com o passar do tempo. Em 2019, o site TechTudo<sup>21</sup> fez uma lista com 17 das principais giras que surgiram nesta década. Segundo a autora a matéria, o verbo “cancelar” era “tradicionalmente usado para deixar de assinar um serviço ou desmarcar um compromisso, o verbo ‘cancelar’ ganhou uma nova conotação nas redes sociais. Quando uma celebridade faz algo controverso, ofensivo ou preconceituoso, ela é prontamente

---

de amizade para se conectarem, basta seguir os usuários de seu interesse. Em 2016, a ferramenta lançou o Instagram Stories, onde o usuário pode compartilhar diversos momentos do seu dia por meio do envio de fotos e vídeos. Este conteúdo permanece na web por 24 horas. Depois disso, ele será excluído automaticamente. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>.

<sup>21</sup> Disponível em: [17 gírias que surgiram na Internet nesta década | Internet | TechTudo](#)

‘cancelada’”. No mesmo ano, o dicionário australiano *Macquarie*<sup>22</sup> elegeu como “palavra do ano” a “cultura do cancelamento” (*cancel culture*), definida por eles como:

As atitudes dentro de uma comunidade que exigem a retirada do apoio de uma figura pública, como o cancelamento de um papel de ator, a proibição de tocar a música de um artista, o afastamento das redes sociais, etc., geralmente em resposta a uma acusação de uma ação ou comentário socialmente inaceitável (CANCEL CULTURE, 2019, tradução nossa).

O professor e filósofo Luiz Felipe Pondé (2021, *apud* ROCHA; JOSÉ, 2021, p. 149), explica em um vídeo no seu canal no Youtube<sup>23</sup>, que a cultura do cancelamento está intrínseca na sociedade. Para ele, “o ser humano sempre gostou de lixar (*sic*) as pessoas”. Da mesma forma, que “o linchador expurga o próprio ódio jogando-o para cima de um desconhecido indefeso” (TIBURI, 2015, p. 76). Sendo assim, conforme os episódios de linchamento, boicote e das execuções públicas ocorridos no decorrer da nossa história, vemos que atualmente ocorre uma comoção no âmbito das redes sociais sempre que alguém está sendo julgado. Os autores Rocha e José afirmam que:

A cultura do cancelamento é a transposição do gosto do linchamento para o âmbito das redes sociais e que traz também um elemento do linchamento que é a ideia de quem lincha, está linchando nem nome de uma boa causa, como uma emissão de juízo moral (ROCHA; JOSÉ, 2021, p. 149).

Diante disso, percebe-se que o linchamento é um ato totalmente emocional ao invés de racional. Bem como, a causa do cancelamento pouco importa, pois o que vale para esses indivíduos é fazer barulho na internet. Dito isso, vemos frequentemente nos linchamentos virtuais, as pessoas sendo expostas, julgadas, condenadas e executadas. Por esse ângulo, percebe-se que o cancelamento que ocorre atualmente segue os mesmos padrões dos julgamentos ocorridos ao longo dos séculos. Logo, pode-se considerar que “o *cancelamento*, [...] é a sentença mais severa que o grande Tribunal da Internet, [...] pode invocar na sua ‘legitimidade’” (ROCHA; JOSÉ, 2021, p. 103). Nesse contexto, vemos, cada vez mais, que o cancelamento de pessoas, por uma massa na internet, ocorre de uma forma onde não existe qualquer preocupação se as consequências deste ato vão causar alguma seqüela neste indivíduo além do mundo virtual.

Dessa maneira, os autores Rocha e José (2021, p.21), explicam “que as pessoas no futuro ficarão escandalizadas com a raiva coletiva nos dias atuais. É o mesmo que sentimos quando

<sup>22</sup> WORD OF THE YEAR 2019. In. **MACQUARIE DICTIONARY**. Macmillan Publishers: Australia, 2003. Disponível em: [Dicionário Macquarie \(macquariedictionary.com.au\)](https://www.macquariedictionary.com.au/)

<sup>23</sup> Disponível em: [A cultura do cancelamento na internet - Luiz Felipe Pondé - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=...).

olhamos os julgamentos públicos de séculos atrás de pessoas acusadas de heresia e terminavam queimadas vivas na fogueira”. Para Tiburi, “há uma covardia de fundo no ato do linchamento que ninguém pode deixar de ver” (2015, p. 75). Do mesmo ponto de vista dos autores, a Tiburi afirma que o linchamento, e por consequência, o cancelamento, são vistos como uma atitude correta por quem está praticando a ação. Sendo assim, a fim de entender como ocorre o processo de cancelamento, para poder interrompê-lo, os autores definiram como: *Tríade Cognitiva do Cancelamento* o processo observado por ambos que ocorre em três etapas, definidas como:

**[1ª fase] [fase informal]** uma visão externa, olha-se para o ocorrido, numa breve leitura dos fatos, os sentimentos são provocados a reagir diante deles, havendo ou não engajamento pelo caso, pelas pessoas envolvidas ou pela causa;

**[2ª fase] [fase do julgamento]** uma visão interna, mais racional, olha-se para si mesmo, para os próprios sensores de justiça e moralidade, aguardando um julgamento rápido e necessário;

**[3ª fase] [fase executória]** uma visão externa, olha-se para quem precisa ser cancelado, que já foi condenado pela fase anterior, e escolhe-se as formas de punição, a sua extensão e intensidade, baseado nas emoções provocadas (ROCHA; JOSÉ, 2021, p. 41, grifo dos autores).

Por outro lado, buscando compreender o que leva esse indivíduo a participar de um “grupo” cujo objetivo é linchar alguém por algum ato falho, Tiburi explica que é a partir da combinação de três elementos que essa ação ocorre, definidos por ela como:

O primeiro e mais fundamental é a anulação da subjetividade: quem participa de um linchamento não é capaz de pensar no que faz; em segundo lugar, a ausência de compaixão, a capacidade humana de se colocar no lugar do outro, de imaginar a dor do outro; e, por fim, o desejo de fazer parte da massa (TIBURI, 2015, p. 75).

Como descrito pela autora, o elemento mais importante do linchamento é a anulação da subjetividade. Por este ser um ato emocional, os sujeitos participantes não conseguem racionalizar o que estão fazendo. O psicólogo Daniel Goleman, explica que quando punimos os outros por algum erro cometido, somos influenciados por uma emoção social que o autor denomina de “raiva altruísta”. Em outras palavras, ele afirma que

A raiva altruísta faz uma pessoa punir as violações da norma social cometidas por outra. [...] Essa raiva virtuosa parece ativar um centro de recompensa no cérebro, de modo que impor o cumprimento das normas, punindo os violentadores [...], nos proporciona uma sensação de satisfação (2006 *apud* ROCHA; JOSÉ, 2021, p. 56).

Goleman, afirma também, que é fundamental aceitarmos a importância de nossas emoções, para que possamos reconhecê-las e identificá-las com a finalidade de examiná-las de modo mais racional. Para que, deste modo, possamos lidar melhor com elas, pois “ter mais controle das emoções é o que se objetiva neste século” (GOLEMAN, 2006 *apud* ROCHA; JOSÉ, 2021, p. 95). Desse modo, “o ato de cancelar alguém se torna resultado do pensamento,

levado pela força da racionalização e motivado pelas emoções que dão cores a ele” (ROCHA, JOSÉ, 2021, p. 116).

A tendência é de acreditarmos que o controle dos pensamentos é nosso até se deparar como ‘onde estava com a cabeça?’ ou ‘foi no calor do momento’. Somos capazes de justificar nossos atos pela influência dos outros ou de fatores que supostamente, não teríamos controle (ROCHA; JOSÉ, 2021, p. 126).

Sob o mesmo ponto de vista, Hannah Arendt, filósofa política e autora do livro *Eichmann em Jerusalém*, introduz o conceito de “banalidade do mal”. Na obra, a autora faz uma leitura sobre o processo de julgamento de Adolf Eichmann a respeito dos crimes cometidos durante o movimento do partido Nazista. Para ela, a ausência do pensamento é a condição para o mal. Nesse sentido, a autora explica que o mal é banal, pois não há nenhuma explicação convincente, seja ela de natureza ideológica, patológica ou demoníaca. Dessa maneira, “a hipótese de Arendt é que o ato de pensar poderia – pois não há garantias ou certezas – condicionar os seres humanos a não praticar o mal” (ANDRADE, 2010, p. 120)<sup>24</sup>. Por conta desta hipótese, a autora se questiona se Eichmann, em nenhum momento pensou que suas ações estavam erradas, se ele não “ouviu a voz de sua consciência” o avisando de que o que estava fazendo não era correto. Ou seja, a banalidade desse mal encarnado nas ações de Eichmann, estaria baseada no fato de que ele não possuía raízes, motivos egoístas ou explicações que fossem compatíveis com suas ações.

Segundo Arendt, o mais assustador em Eichmann “era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais” (1999, p. 166). Nessa ótica, qualquer sujeito poderia estar no lugar dele. A compreensão de que Eichmann era um homem de aparência comum surpreendeu a autora, ao o comparar com a dimensão do mal que ele havia cometido. Através desse entendimento, ela formula o conceito de banalidade do mal. A autora ainda salienta sobre a probabilidade de que crimes semelhantes voltem a ocorrer no futuro, afirmando que:

Faz parte da própria natureza das coisas humanas que cada ato cometido e registrado pela história da humanidade fique com a humanidade como uma potencialidade, muito depois da sua efetividade ter se tornado coisa do passado. Nenhum castigo jamais possuiu poder suficiente para impedir a perpetração de crimes. Ao contrário, a despeito do castigo, uma vez que um crime específico apareceu pela primeira vez, sua reaparição é mais provável do que poderia ter sido a sua emergência inicial (ARENDR, 1999, p. 164).

---

<sup>24</sup> ANDRADE, M. **Banalidade do mal e as possibilidades da educação moral**: contribuições arendtianas. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 43, p. 109-199, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ByLpxkpQTJk4LGSR4SgHhVr/>.

Sendo assim, pode ser surpreendente que Arendt, em sua análise sobre os horrores ocorridos no passado, tenha afirmado que tempos sombrios não são uma novidade e que não seria uma surpresa se eles voltassem a ocorrer. Conforme afirma Tiburi (2015, p.76), “sabemos da banalidade da vida e da morte em nossa cultura”, pois “o ódio cresce e aparece no círculo vicioso do pensamento” (2015, p.35). Portanto, diante das ofensas e da violência verbal que testemunhamos constantemente nas redes sociais, os autores Rocha e José (2021, p. 40) afirmam, que “é possível que ‘cancelamento’ e ‘cancelar’ encontrem novos significados como palavras anteriores ganharam ao longo do tempo”. Percebe-se, então, que as pessoas estão desacostumadas a pensar antes de agir e acabam se deixando levar pelo discurso de ódio presente nos meios de comunicação e nas redes. Dessa maneira, a população acaba por reproduzir e disseminar um discurso pronto sem racionalizar e nem refletir se aquilo de fato é realmente o que elas acham e/ou pensam de determinada situação. Com isso, se sentem inseridas e pertencentes dentro dessa bolha social. O que acaba por sintetizar o conceito proposto pela autora sobre a “banalidade do mal”.

### 3 ASCENSÃO E QUEDA NA CULTURA POP: UM OLHAR SOBRE O VIDEOCLÍPE DE GLORIA GROOVE

Tendo como base os conceitos apresentados no capítulo anterior, podemos nos aprofundar nos aspectos relacionados à Cultura Pop, baseados no ponto de vista de Jeder Janotti Junior, no livro *Cultura Pop*. Segundo o autor, foi “a partir de possibilidades de circulação ampla do ‘popular massivo’ que a cultura pop oferece fronteiras alicerçadas em torno de distinções” (JANOTTI JR., 2015a, p. 49). Além disso, o autor afirma que o pop reestrutura a ideia de cultura popular quando ele se propaga através da cultura midiática em diversas expressões culturais como: filmes, seriados, músicas e quadrinhos. Sendo assim, “trata-se de uma cultura da imagem, que explora a visão e a audição” (KELLNER, 2001, p. 9). Para ele:

Essa cultura é constituída por sistemas de rádio e reprodução de som [...]; de filmes e seus modos de distribuição [...]; pela imprensa, que vai de jornais a revistas; e pelo sistema de televisão, situado no cerne desse tipo de cultura. [...] Os vários meios de comunicação - rádio, cinema, televisão, música e imprensa, como revistas, jornais e histórias em quadrinhos - privilegiam ora os meios visuais, ora os auditivos, ou então misturam os dois sentidos, jogando como uma vasta gama de emoções, sentimentos e ideias (KELLNER, 2001, p. 9).

Por mais que o conceito de cultura pop possua amplas definições, nota-se que os produtos associados à cultura de massas e a sua mercantilização nos meios de comunicação, são elementos essenciais para que possamos compreendê-la. Uma noção importante de cultura pop é trazida por Thiago Soares ao afirmar que:

Atribuimos cultura pop, ao conjunto de práticas, experiências e produtos norteados pela lógica midiática, que tem como gênese o entretenimento; se ancora, em grande parte, a partir de modos de produção ligados às indústrias da cultura (música, cinema, televisão, editorial, entre outras) e estabelece formas de fruição e consumo que permeiam um certo senso de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante (2014, p. 140 *apud* MANO; CORSO; WEINMANN, 2018, p. 82-83)<sup>25</sup>

No livro *Cultura Pop*, Thiago Soares explica que pensar em música pop significa debater sobre: “indústrias, mercados e estéticas de produtos da música pop; matrizes históricas da música pop e da cultura do entretenimento [...]; circulação de produtos culturais e as implicações da tecnologia na cultura do entretenimento” (2015, p. 30). Neste contexto, grande parte do que se entende sobre a Cultura Pop ocorre através do debate sobre a música pop. Logo, “as expressões sonoras e imagéticas que são produzidas dentro de padrões das indústrias da

---

<sup>25</sup> MANO, G.; CORSO, M.; WEINMANN, A. de O.. **Psicanálise e cultura pop**: os mitos no contemporâneo. *Psicologia USP*, v. 29, n.1, p. 78-86, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420160115>.

música, do audiovisual e da mídia” (SOARES, 2015, p. 21), são o que se entende por música pop.

A origem do termo surge na década de cinquenta para desqualificar o surgimento do *rock'n'roll* e num primeiro momento, está relacionado a alta circulação midiática. Porém, esse conceito redesenha uma ideia de cultura popular que se propaga através da cultura midiática vista na música, em filmes, quadrinhos, entre outros. Com a ascensão do *rock'n'roll* na década de 1950, um conceito mais claro de música popular surgiu nos Estados Unidos. A princípio, a música popular era contrária ao primeiro conceito de música popular, que estava relacionado à ideia de mercadoria musical promovida pela indústria fonográfica americana, que visava transformar a música em um bem cultural, tornando-a um produto da cultura transmissão para consumo público. Como aponta Janotti Jr. o termo,

Criado pela crítica cultural inglesa na década de cinquenta para tentar demarcar, e até certa medida desqualificar como efêmero, o surgimento do *rock'n'roll* e o histrionismo da cultura juvenil que ali emergia, está relacionado, pelo menos nesse primeiro momento, a possibilidades de alta circulação midiática (BARCINSKI, 2014 apud JANOTTI JR, 2015a, p. 45, grifos do autor).

Mendes explica em seu artigo *Cultura: conceitos e música pop brasileira* que na década de 1960, à música pop foi associada à Jovem Guarda e no final da mesma década, o tropicalismo foi um dos movimentos musicais e culturais associados a música pop no país (ROSA, 2004 apud MENDES, 2022, p. 12-13). Já nos anos 1980, a distinção entre música pop e popular ficou mais clara, o que acabou contribuindo para o sucesso comercial do rock brasileiro (2022, p. 13). Na mesma década, surge o termo “clipe” vem da palavra *clipping*<sup>26</sup> e faz uma alusão a técnica midiática em que as imagens são recortadas e coladas na forma de uma narrativa linear ou não linear. Para Chion (2008), a forma como é estruturado o videoclipe é significativa para articular as especificidades entre a imagem e o som. Ele afirma, que

Se os clipes funcionam é certamente porque há uma relação elementar entre a banda sonora e a banda visual, e, porque as duas não são totalmente independentes. Esta relação limita-se à presença pontual de pontos de sincronização, nos quais a imagem mina a produção de som (CHION, 2008, p. 132 apud WOSNIAK; OLIVIA, 2018, p. 6).

Após o *boom* nos anos 1990, o mercado fonográfico passou a se interessar por expressões musicais de gêneros populares, culminando em um acesso mais efetivo desses músicos às rádios e programas de televisão. Na mesma época, o pagode, funk carioca, sertanejo,

<sup>26</sup> Traduzido para o português como recorte. Disponível em: [clipping - Tradução em português – Linguee](#).

e outros gêneros, passaram a ser comercializados pelas grandes gravadoras e veiculados em rádios, programas de tv, revistas e jornais, juntamente aos gêneros de música pop estrangeiros como o pop, o rock, o reggae e a música eletrônica. Somente nos anos 2000, com a internet, que o cenário pop brasileiro se tornou mais plural em termos de expressões musicais. Os gêneros musicais atuam “como uma estratégia eficaz de diversificação de produtos bastante funcional dentro da engrenagem da cultura popular massiva e permite que a indústria musical trabalhe com uma ampla faixa de interesses (étnico, etário, gênero, geográfico) o que significa um consumo de massa” (2011, p.71), afirma Nadja Vladi no livro *Dez anos a mil: Mídia e Música Popular Massiva em Tempos de Internet*.

Partindo desse ponto, o gênero musical conhecido como pop, funciona “sob a égide do ecletismo, mas aponta para lugares comuns na sua formatação: as canções de curta e média duração, de estrutura versos-pontes, bem como do emprego comum de refrãos e estruturas melódicas em consonância com um certo senso sonoro pré-estabelecido” (SOARES, 2015, p. 24). Um aspecto da música pop, é a regularidade do ritmo e da melodia em suas composições, o que favorece os refrões e temas repetitivos. No artigo *O videoclipe como extensão da canção: apontamentos para análise*, Janotti Jr. e Soares explicam que um refrão pode ser definido como uma forma

O refrão pode ser definido como um modelo melódico de fácil assimilação que tem como objetivos principais sua memorização por parte do ouvinte e a participação (‘cantar junto’) do receptor no ato de audição. Ele é uma frase musical que se repete ao longo da canção, servindo de baliza para os outros elementos da música de massa (as estrofes, as pontes e os solos), podendo valorizar tanto o ritmo quanto a rima e os aspectos semânticos da letra. (2008c, p. 93-94).

Chion explica que a música agrega a imagem, porém, tanto a música quanto a imagem, podem acrescentar valor ao produto final (1994 *apud* JANOTTI JR.; SOARES, 2008, p. 94).

A canção pop pressupõe, portanto, uma interação tensiva entre a criação e sua configuração como produto midiático. Assim, a música de massa, em seus diversos formatos, também valoriza não só a execução mas também as técnicas de gravação/reprodução, levando em conta os timbres eletrônicos ou acústicos, saliência de sons graves ou agudos, a reverberação e a sensação de extensão sonora. É possível pensar, portanto, que, da configuração do som à imagem, as categorias elencadas como oriundas dos registros da canção pop podem se manifestar imageticamente: ou seja, timbres eletrônicos ou acústicos pressupõem um cenário visualizado no ato da audição; a saliência de sons graves ou agudos, como já apontaram trabalhos que dialogavam com a noção de sinestesia no terreno do audiovisual (BASBAUM, 2002; MACHADO, 1988, 2001, 2003), pressupõe a visualização de aportes imagéticos que sejam mais ‘abertos’ (agudos) ou ‘fechados’ (graves), podendo essa configuração se apresentar através de cores, formas ou cenários, ou de tratamentos à imagem que levem em consideração tais aspectos plásticos; e a sensação de extensão sonora pode se apresentar a partir de recursos presentes tanto na imagem quanto na edição que é imposta a essa imagem (JANOTTI JR.; SOARES, 2008c, p. 97).



De acordo com Guimarães (2007, p. 112 *apud* WOSNIAK; OLIVIA, 2018, p. 5), “o videoclipe popularizou-se, em grande parte devido à ação da MTV, que institucionalizou o formato, como obra que mistura de forma livre e criativa, o som e as imagens em movimento, num processo narrativo ligado às letras das músicas veiculadas”. O canal de televisão MTV, abreviatura para Music Television, surgiu nos Estados Unidos, na década de 80, tendo como público o consumidor de música popular massiva, o canal mesclava a imagem em movimento e som que influenciavam e ditavam os comportamentos da época. O canal influenciou a forma de propagação destes produtos audiovisuais colocando-os na grade televisiva, o que resultou num novo modelo de divulgação. O sucesso da MTV foi tão grande, que na década de 1990, o canal abriu diversas filiais pelo mundo, inclusive no Brasil. Com as novas possibilidades de transmissão e consumo de vídeos oferecidos pela web, principalmente após a criação da rede social YouTube, percebe-se um novo cenário de circulação desses vídeos para fora da televisão, transformando a plataforma do YouTube, como um ponto de convergência e acesso ilimitado.

A rede social YouTube foi fundada por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim em fevereiro de 2005. A origem do nome vem do inglês “you: você e tube - tubo, ou, no caso, gíria utilizada para designar a televisão. No caso, You television ficaria algo como ‘Você televisa’, ‘Você transmite’, ‘Você na telinha’, ‘Você na tela’”<sup>27</sup>. A plataforma foi considerada um site de difusão e compartilhamento de arquivos audiovisuais, que possibilitava a interação dos seus usuários como criadores de conteúdo. Pouco tempo após o lançamento, o site foi comprado pela empresa Google em outubro do mesmo ano. O diferencial deste site para seus concorrentes, era a possibilidade de visualizar os vídeos online, sem precisar realizar o download do arquivo para depois assisti-lo em outro programa instalado em seu computador. Outro fator de destaque, era a possibilidade de importar o vídeo em outros sites e/ou blogs. O alcance do YouTube permitiu que ele tivesse uma grande influência no campo da hipermídia e facilitou não somente a interação entre os usuários, como também a proliferação de sites com o mesmo objetivo: a distribuição de vídeos online para internautas.

Através do sucesso da plataforma, foi possível mostrar que além das mudanças no comportamento dos usuários em relação às outras mídias, principalmente a tv e o rádio, o YouTube começou a chamar a atenção das agências de publicidade. Consequentemente,

---

<sup>27</sup> Disponível em: [YouTube – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube).

surgiram novas práticas publicitárias, anúncios veiculados na televisão começaram a aparecer no site, o que proporcionou um aumento significativo da audiência, em escala global, por um custo muito mais baixo<sup>28</sup>.

A partir do que foi apresentado, podemos mergulhar na vida da cantora Gloria Groove<sup>29</sup>, que nasceu como Daniel Garcia em 18 de janeiro de 1995, na cidade de São Paulo. Começou sua carreira cantando no coral da igreja, e atualmente é rapper, compositor, ator e dublador brasileiro. Em 2001, participou dos comerciais para a marca de salgadinhos Elma Chips e no ano seguinte, tornou-se integrante do grupo infantil Galera do Balão, que fazia uma releitura do grupo musical Turma do Balão Mágico. Em 2006, participou do quadro Jovens Talentos, no Programa Raul Gil, no qual foi finalista, e no mesmo ano, participou da telenovela Bicho do Mato, transmitida pela emissora Record TV.

Na sequência, iniciou a sua carreira na dublagem, se tornando um dos principais nomes do mercado brasileiro. O dublador deu voz a personagens de seriados como: Hannah Montana, *Digimon Xros Wars*, *Doki*, *Power Rangers: Megaforce*. Dublou o personagem do Rei Benjamin na franquia de filmes Descendentes e também deu voz a Aladdin, ambos os trabalhos realizados pela Disney. Em Aladdin, o cantor também interpretou a trilha sonora do filme. Desde o ano de 2014, Daniel conheceu a cultura *drag* através do *reality show* ‘*RuPaul's Drag Race*’, no qual artistas performáticos competiam para permanecer no programa através de números interpretativos de música e dança. A partir desse momento, onde passou a se identificar com a cultura *drag queen*, Daniel passou a adotar o nome artístico de Gloria Groove.

Em 2015, Glória chamou ao participar do quadro “*Bishow*”, no programa de televisão da Rede Globo, *Amor & Sexo*, que tinha como desafio a transformação de três homens em *drag queens* com a ajuda de suas madrinhas. No ano seguinte, a cantora ganhou destaque no cenário musical ao lançar seu primeiro single “Dona” e viajar por diversos estados brasileiros com a Dona Tour<sup>30</sup>. Seu primeiro álbum, “O Proceder”, foi lançado em 2017, e a maior parte de suas canções falam sobre as suas vivências como um homem gay e *drag queen* da periferia, que contou com uma turnê de mesmo nome. Já 2017, além de lançar o *single* “Bumbum de Ouro”, participou da canção “Necromancia” da cantora e *drag queen* Linn da Quebrada. No ano

---

<sup>28</sup> MARAL, Lúcio Siqueira. **O princípio da evolução da publicidade na web**. Revista Vozes & Diálogo, v. 14, n. 01, p.175-188, jan./jun. 2015. Disponível em: [O princípio da evolução da publicidade na web \(univali.br\)](http://www.univali.br).

<sup>29</sup> Disponível em: <[Gloria Groove: drag queen, orgulho gay, LGBT, rap, música - Trip \(uol.com.br\)](http://www.gloriagroove.com.br)>

<sup>30</sup> Disponível em: <[Gloria Groove – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gloria_Groove)>.

seguinte, lançou o videoclipe da canção “Bumbum de Ouro”, que até aquele momento, tinha sido o seu maior sucesso. A repercussão do clipe foi tão grande, que se tornou um dos assuntos mais comentados na rede social Twitter, e já passou de 100 milhões de visualizações no seu canal do YouTube, e fez parte da trilha sonora da novela “Malhação: Vidas Brasileiras”, produzida pela Rede Globo. O lançamento da música marca a transição de gêneros da cantora, saindo do rap e entrando no pop<sup>31</sup>.

Nos anos seguintes a cantora participou de diversas parcerias<sup>32</sup> como: Arrasta<sup>33</sup>, YoYo<sup>34</sup>, Só o Amor<sup>35</sup>, Alavancô<sup>36</sup>, Magenta Ca\$h<sup>37</sup> e Deve ser horrível dormir sem mim<sup>38</sup>, etc. Realizou a sua terceira turnê, com a “Fase3 Tour” e passou por diversos países da América Latina e Europa<sup>39</sup>. Participou do quadro “Show dos Famosos” do programa “Domingão” da Rede Globo, no qual saiu vencedora. No final do ano de 2021, lançou o primeiro *single* do álbum Lady Leste, “A *Queda*”.

---

<sup>31</sup> Disponível em: <[Gloria Groove deixa rap e mergulha no pop em nova fase: 'É carnaval, época de mexer a bunda' | Música | G1 \(globo.com\)](#)>.

<sup>32</sup> Disponível em: <[Quem é Gloria Groove? Tudo sobre a vida e trajetória da estrela pop | Fashion Bubbles](#)>.

<sup>33</sup> Parceria com Léo Santana. Disponível em: [Gloria Groove - Arrasta \(feat. Léo Santana\) - YouTube](#)

<sup>34</sup> Parceria com Iza. Disponível em: [YoYo Gloria Groove - YouTube](#)

<sup>35</sup> Parceria com Preta Gil. Disponível em: [Preta Gil - Só o Amor ft. Gloria Groove \(Videoclipe\) - YouTube](#)

<sup>36</sup> Parceria com Karol Conká. Disponível em: [Karol Conka feat. Linn da Quebrada e Gloria Groove - Alavancô \(Lyric Video\) - YouTube](#)

<sup>37</sup> Parceria com Monna Brutal. Disponível em: [GLORIA GROOVE - MAGENTA CASH \(ft. Monna Brutal\) - YouTube](#)

<sup>38</sup> Parceria com Manu Gavassi. Disponível em: [Deve ser horrível dormir sem mim Gloria Groove - YouTube](#)

<sup>39</sup> Disponível em: <[Fase3 Tour – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)>

#### 4 “EXTRA, EXTRA, LOGO O SHOW COMEÇA”: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CATEGORIAS VISUAL, SONORA, LINGUÍSTICA E NARRATIVA EM “A QUEDA”

No dia 14 de outubro de 2021, a cantora lançou em suas plataformas digitais<sup>40</sup> a canção de gênero pop “A Queda”. Composta por Gloria Groove, Andres Torres, Lukinhas, Ruxel e Pablo Bishop, que também é produtor do *single*, que pertence a gravadora SB Music. A faixa tem duração de 2 minutos e 52 segundos e teve a sua divulgação<sup>41</sup> nas redes sociais da cantora, de forma misteriosa, onde ela mostrava um vídeo sobre uma reportagem que poderia causar a sua queda. No vídeo divulgado, era possível ver a logo do jornal MetrÓpole, e a cantora aparecia tentando evitar os paparazzi a sua volta enquanto entrava em seu carro. A legenda publicada junto ao vídeo não dava muitas explicações do ocorrido, apenas divulgava a data em que ele seria lançado.

Nesse contexto, em 15 de outubro de 2021, Gloria lançou o videoclipe da canção em seu canal do YouTube<sup>42</sup>. A faixa é o primeiro *single* do álbum “*Lady Leste*”<sup>43</sup>, que foi lançado em 10 de fevereiro de 2022 e possui 13 faixas. O vídeo dirigido e editado por Felipe Sassi, que junto com Gloria Groove e INDIO, participaram da direção criativa e roteiro, possui a duração de 3 minutos e 10 segundos e, atualmente, conta com 161.738.499 visualizações<sup>44</sup>.

Em entrevista de divulgação da música para o site POPLine, a cantora contou que se surpreendeu com a recepção do público em relação a mensagem que o clipe passa. A artista explicou que a rapper Karol Conká<sup>45</sup>, foi uma das maiores inspirações para compor o hit<sup>46</sup> por conta dos acontecimentos da 21ª edição do *reality show* Big Brother Brasil. Desse modo, relacionamos a produção do videoclipe com a Cultura pop, pois a cultura tem o papel de propagar as expressões culturais através da mídia. Muito do que se compreende da Cultura pop ocorre a partir do debate sobre a música popular, sendo assim, pode-se dizer que a música funciona como indicador cultural a partir do que é produzido e consumido pela sociedade.

<sup>40</sup> A faixa foi lançada nas plataformas de *streaming* Spotify, Deezer, Apple Music e Tidal.

<sup>41</sup> Disponível em: [A Queda \(canção\) – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Queda_(canção)).

<sup>42</sup> Disponível em: [GLORIA GROOVE - A QUEDA \(CLIQUE OFICIAL\) - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=GLORIA_GROOVE_-_A_QUEDA_(CLIQUE_OFICIAL)).

<sup>43</sup> Entrevista realizada com a cantora no site POPLine no dia 29 de outubro de 2021. Disponível em: [Gloria Groove mostra bastidores do clipe “A QUEDA” - POPLine \(portalpopline.com.br\)](https://portalpopline.com.br/gloria-groove-mostra-bastidores-do-clipe-a-queda/).

<sup>44</sup> Número de visualizações referente a data de 10 de janeiro de 2023.

<sup>45</sup> Caso Karol Conká: qual o limite da ‘cultura do cancelamento’?. Disponível em: [Caso Karol Conká: qual o limite da ‘cultura do cancelamento’? – Sociedade – CartaCapital](https://www.cartacapital.com.br/cultura/caso-karol-conka-qual-o-limite-da-cultura-do-cancelamento/).

<sup>46</sup> Entrevista concedida a Jovem Pan em 21 de outubro de 2021. Disponível em: [Gloria Groove diz que o hit ‘A Queda’ foi inspirado em Karol Conká: ‘Para gerar reflexão’ | Jovem Pan](https://www.jovempan.com.br/entrevista/gloria-groove-diz-que-o-hit-a-queda-foi-inspirado-em-karol-conka-para-gerar-reflexao/).

A partir da escolha do objeto de estudo, para nos ajudar a compreender melhor como a metodologia de Pesquisa Bibliográfica, concentrando o seu método de análise no Método de Ruído e Música como Dados Sociais, desenvolvido por Martin Bauer e no Método de Análise de Imagens em Movimento desenvolvido por Diana Rose. Sendo assim, é a partir das metodologias utilizadas que podemos ter um entendimento maior sobre a pesquisa que estamos realizando. Iniciamos apresentando a definição de Stumpf (2005, p.51), que explica que a pesquisa bibliográfica é o planejamento inicial de qualquer trabalho de pesquisa, pois ela vai desde a identificação, localização e obtenção bibliografia até a apresentação do texto estruturado. De acordo com a autora (2005, p. 52), “durante a realização da pesquisa, [...] a consulta à bibliografia pertinente é uma atividade que acompanha o investigador, [...] ao mesmo tempo, orienta os passos que devem seguir”. Em suma, para determinar os caminhos que a pesquisa irá percorrer, os alunos precisam ter conhecimento sobre o que já está sendo falado sobre o assunto, e assim, evitam alocar esforços em problemas já solucionados.

Através da leitura de pesquisas relacionadas ao seu assunto de interesse, o pesquisador poderá encontrar alguns instrumentos já prontos, podendo utilizá-los ou adaptá-los a suas necessidades, sem precisar criar novos (STUMPF, 2005, p. 54).

A pesquisa bibliográfica não é somente uma repetição daquilo que já foi dito, ela une o conhecimento evidenciado por outros autores às próprias ideias e opiniões do investigador, levando a uma nova perspectiva sobre o objeto estudado. Ou seja:

Todo auxílio externo que conseguir é uma complementação à bagagem pessoal do pesquisador e um enriquecimento à análise que pretende elaborar, uma vez que nada substitui o conhecimento próprio, formado através de leituras direcionadas que fez para elaboração do trabalho (STUMPF, 2005, p. 54).

Desse modo, utilizando os conceitos restritos de pesquisa bibliográfica, podemos defini-la como “um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização [...] de pesquisas” (STUMPF, 2005, p. 54). Esses documentos podem ser encontrados utilizando fontes de informação bibliográfica secundária como por exemplo, bibliografias especializadas, portais, resumos de teses e dissertações; e em diversos formatos como: livros, revistas, artigos científicos, documentos eletrônicos, entre outros.

Definida a nossa metodologia, iremos utilizar o método de Análise de Ruído e Música como Dados Sociais. Conforme a afirmação de Hesse (*apud* Barros, 2002, p. 365), “a música de uma época pacífica e calma é alegre, e assim é também seu governo. A música de um estado decadente é sentimental e triste, e seu governo corre perigo”. O autor explica que a música tem

o potencial de espelhar o mundo social que a produz e a consome, sendo ele atual ou passado. Hesse também apresenta algumas concepções metodológicas que auxiliam na construção de indicadores culturais a partir da música que as pessoas consomem e às quais elas são expostas.

Ao tentar considerar a música como um dado social, o autor considera uma relação entre o som e o contexto social de quem os produz e os recebe. Segundo Bauer (2002, p. 366), os três passos necessários para realizar uma análise que possa construir indicadores culturais para materiais musicais ou sonoros são:

(1) Necessitamos registrar e transcrever o evento sonoro para fins de análise; (2) Esta transcrição deve apresentar o som e a música de forma semelhante à fala, com uma ordem de elementos (paradigma linguagem) dos quais se podem construir seqüências, de acordo com as regras de produção (sintagma, fala/gramática). Os elementos do som estão ligados em seqüências, mais ou menos complexas. Na música, nós descrevemos aqueles com as dimensões, por exemplo, de ritmo, melodia e harmonia; para os ruídos, nós reconhecemos ciclos, sonoridade e tipo; e (3) Uma estrutura particular de sons está associada a um grupo social que a produz, ao qual está exposta, e que a escuta (BAUER, 2002, p. 366).

O terceiro passo citado pelo autor, está relacionado ao problema teórico que defende que as atividades musicais possuem o poder utópico de antecipar a ordem social próxima, onde determinados tipos de expressões musicais podem prever o futuro. Para Attali, a música é um modo delicado de observar o mundo e a fim de antecipar a evolução da sociedade, ele apresenta um método para observar a produção da música:

A música é profética... a organização social [a] reflete; ...a mudança está inerente ao ruído antes de começar a transformar a sociedade" (1985: 5); "podemos nós ouvir a crise da sociedade na crise da música? (1985: 6); "ela torna audível o novo mundo que gradualmente se tornará visível" (1985: 11). A música não apenas representa o presente estado de coisas da ordem convencional, mas através da ruptura das convenções, o "ruído" antecipa a crise social e indica a direção da mudança na nova ordem. A música ruidosa de hoje, anuncia a nova ordem política e cultural: "a música está anunciando a nova era (1985: 141) (ATTALI *apud* BAUER, 2002, p. 373).

Voltando para a construção de indicadores culturais para materiais musicais ou sonoros, Bauer (2002) apresenta características que, separadas ou combinadas, podem servir como indicadores, são elas:

Melodia, que é a seqüência de tons que nós podemos facilmente lembrar; a harmonia, que é o sistema que ordena a melodia; o ritmo, que é o tempo da progressão musical; o fraseado, que é a ligação e a separação das notas em unidades mais amplas; a dinâmica, que são as variações de sonoridade e velocidade; a forma, que são os padrões mais amplos de repetições; e a orquestração, que é a designação dos instrumentos para papéis específicos (BAUER, 2002, p. 378).

Depois de definir as categorias que podem ser utilizadas como indicadores culturais, Barros (2002, p. 382) apresenta a metodologia desenvolvida por Cook (1998) sobre o estudo de vídeos na música popular. O objetivo desse método era identificar as contribuições da

música para a construção de sentido, interligando o texto cantado, a imagem em movimento e o som. Já que o que vemos como algo interligado é diferente do que percebemos quando analisamos isoladamente a imagem, o texto e o som. Para realizar essa análise, Cook (1998) sugere duas etapas: a (1) uma análise gráfica a partir da união do texto e dos aspectos musicais e outra (2) a partir da música e das imagens. Nessa perspectiva, ele mostra “como os diferentes elementos mudam em conjunção, ou disjunção, com as unidades musicais - como a introdução, verso e refrão recebem um tratamento visual repetitivo ou expandido.”(BAUER, 2002, p. 383).

Segundo Bauer (2002, p. 383), “Cook procura mostrar como a música possui apenas sentido potencial, enquanto que o sentido real surge de seu encontro com o texto e as imagens”. Desse modo, pode-se utilizar os registros analíticos formulados pelo autor como matéria-prima para um registro secundário com o objetivo de construir indicadores culturais para analisar a relação entre música, texto e imagem.

Após isso, utilizaremos o método de Análise das Imagens em Movimento, desenvolvido por Diana Rose. Esse método parte do uso dos fundamentos teóricos, e têm como base para a sua aplicação “um conjunto de conceitos e técnicas que podem servir de orientação na análise de muitas representações sociais no mundo audiovisual” (ROSE, 2002, p. 343).

Segundo a autora (2002):

Parte da aplicabilidade geral do método provém de seus fundamentos teóricos. Na verdade, a argumentação teórica e crítica em cada ponto do desenvolvimento da técnica. [...] Os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais. É, portanto, indispensável levar essa complexidade em consideração, quando se empreende uma análise de seu conteúdo e estrutura (ROSE, 2002, p. 343).

Dessa maneira, quando ocorre a análise de um produto audiovisual é de interesse que se ocorra um esforço para definir quais fragmentos do produto serão selecionados para a pesquisa. A autora afirma que:

Todo passo, no processo de análise de materiais audiovisuais, envolve transladar. E cada translado implica em decisões e escolhas. Existirão sempre alternativas viáveis às escolhas concretas feitas, e o que é deixado de fora é tão importante quanto o que está presente (ROSE, 2002, p. 343).

O próximo passo da análise é a realização de uma transcrição das cenas selecionadas para que elas possam ser utilizadas como fragmentos que compõem a produção audiovisual. Segundo Diana (2002, p. 348), “a finalidade da transcrição é gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa e a uma codificação. Ela translada e simplifica a imagem complexa da tela”.

Ainda para Rose (2002), nas imagens em movimento:

Necessitamos ser muito explícitos sobre as técnicas que nós empregamos para selecionar, transcrever e analisar os dados. Se essas técnicas forem tornadas explícitas, então o leitor possui uma oportunidade melhor de julgar a análise empreendida. Devido à natureza da translação, existirá sempre espaço para oposição e conflito. Um método explícito fornece um espaço aberto, intelectual e prático, onde as análises são debatidas (ROSE, 2002, p. 345).

Sendo assim, os critérios de coleta destes dados devem acontecer de forma explícita, justificando a razão de certas escolhas terem sido feitas e outras não, pois além de facilitar a análise e interpretação dos critérios escolhidos, proporciona ao leitor uma oportunidade de melhor julgar a análise empreendida.

Após a escolha da metodologia e dos métodos de análise, ocorreu uma pesquisa por documentos, livros, artigos científicos, documentos eletrônicos, revistas e vídeos, para que possamos nos embasar teoricamente a respeito da pesquisa. Concluído essa etapa, definimos as categorias que seriam analisadas dentro do vídeo, definidas na seguinte estrutura: (a) a análise sonora e linguística, que buscará articular as relações entre som (ruídos, silêncios, etc.) e sentido no contexto do corpus e compreender a letra da música como elemento orientador dos pontos de discussão que tematizam esse trabalho, tais como, principalmente, a cultura do cancelamento; a (b) análise visual, que examinará as imagens, signos e símbolos significativos para a compreensão do videoclipe; e a (c) análise narrativa, que estudará a história que é contada, sob uma perspectiva imanente, pela artista na organização das outras camadas unidas como um todo orgânico estético. Foi definido, por fim, as quatro micronarrativas do videoclipe a serem analisadas.

Antes de analisarmos as cenas escolhidas, é necessário entender como esta análise ocorreu. Na análise sonora e linguística, o primeiro elemento a ser analisado é o som e a representação dele presentes na composição da melodia, junto com as sensações sonoras que a música causa em cada trecho analisado. A partir disto, ocorre a análise da letra da canção buscando examinar o que está sendo dito e as referências inseridas no texto. A letra e o som estão sendo retratados de forma fragmentada, levando em consideração que a melodia da canção e o refrão se repetem em algumas cenas. Na análise visual, faremos um recorte de alguns frames escolhidos dentro do trecho analisado para que possamos entender a narrativa da cena. Após este recorte, são analisados outros elementos que compõem a cena, como os planos, o cenário, figurinos e maquiagem dos personagens presentes em cada cena. Por último, a análise narrativa buscará examinar o sentido e a história que cada cena está contando e a sua relação com o conceito de Tríade Cognitiva do Cancelamento, definida pelos autores Marcelo Hugo Rocha e



Fernando Elias José no livro *Cancelado: a cultura do cancelamento e o prejulgamento nas redes sociais* e a semelhança com o nosso cotidiano. Em síntese, as três categorias nos auxiliarão na comparação entre a melodia e a letra da música, as imagens, a narrativa que compõem o videoclipe *A Queda*, e a relação das fases da cultura do cancelamento com o que ocorre em nossa sociedade atualmente.

#### 4.1 Cena 01 – Anúncio do espetáculo

##### 4.1.1 Análise Sonora e Linguística (00'00" a 00'38")

No ambiente sonoro, a melodia se inicia a partir dos 00'03 segundos do vídeo. Neste momento, é possível ouvir um som grave, que marca o início da música. Esse som se assemelha à mistura de timbres de uma orquestra, justapondo os instrumentos, percutindo o bumbo, juntamente com o órgão, piano e tuba, que segue ao longo da canção, marcando o grave. A combinação deste som, com as notas musicais menores, transmitem ao ouvinte a sensação de tensão e desconforto, de forma proposital, tendo em vista o discurso da letra.

Ouvimos também, ao fundo de toda a melodia, o toque de uma caixinha de música à manivela, objeto utilizado nos filmes de terror norte-americanos que possuem a estética de circo dos horrores<sup>47</sup>, para representar o macabro. As cordas utilizadas, que remetem ao som de um violino, transmitem a sensação de suspense ao ouvinte, reforçando as características de tensão da melodia. Além desses sons citados, podemos escutar ao longo desse trecho sonoro, ruídos que parecem ser de palmas, o que possibilita ao ouvinte, entender que há um público acompanhando e aplaudindo os acontecimentos descritos na letra e no vídeo da canção.

#### Figura 1 – Letra da música A Queda

<p>Respeitável público  Um show tão maluco, essa noite vai acontecer aqui  A gente vai armar um circo, um drama com perigo  E nessa corda bamba, quem vai caminhar sou eu</p> <p>E venha ver os deslizes que eu vou cometer  E venha ver os amigos que eu vou perder  Não tô cobrando entrada, vem ver o show na faixa  Hoje tem open bar pra ver minha desgraça</p>
--

Fonte: Letras/A Queda – Gloria Groove

<sup>47</sup> Disponível em: ["A Queda": Gloria Groove lança clipe no estilo circo dos horrores - POPLINE \(portalpopline.com.br\)](http://portalpopline.com.br).

Já no âmbito linguístico, o seguinte trecho *“Respeitável público, um show tão maluco, essa noite vai acontecer aqui. A gente vai armar um circo, um drama com perigo”*, introduz o público ao anúncio que está sendo feito sobre o espetáculo que está para começar. O apresentador nos informa, a seguir, o contexto em que a atração irá ocorrer, *“um drama com perigo”*. *“E nessa corda bamba. Quem vai caminhar sou eu”*, nesta parte, o apresentador revela que ele é a própria atração.

No verso seguinte, *“E venha ver os deslizes que vou cometer. E venha ver os amigos que eu vou perder”*, ele dá continuidade à sua fala, provocando os espectadores a prestarem atenção no espetáculo que os espera, pois o que será apresentado, serão os seus próprios pecados e as consequências geradas por estas ações. *“Não tô cobrando entrada. Vem ver o show na faixa. Hoje tem open bar pra ver minha desgraça”*. Nesta parte da letra, ele estimula a curiosidade do público a participar do show que ele irá proporcionar, utilizando dos artifícios de bebida liberada e dá entrada gratuita.

#### 4.1.2 Análise Visual (00’06” a 00’38”)

**Figura 2 – Anúncio do espetáculo**



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 3 – Anúncio do espetáculo**



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 4 – Anúncio do espetáculo**



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 5 – Anúncio do espetáculo**



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 6 – Anúncio do espetáculo**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 7 – Anúncio do espetáculo**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

No que se refere à dimensão visual, o clipe inicia (Figura 2 – Plano Fechado<sup>48</sup>) com um fundo de cor vermelho, e na frente, o cabaretier<sup>49</sup>. A seguir, a câmera se afasta do rosto do personagem (Figura 3 e 4 – Plano Americano<sup>50</sup>) e temos a primeira imagem de seu figurino e (Figuras 5, 6 e 7 – Plano Geral<sup>51</sup>) o restante do cenário. Além do fundo vermelho, vemos no chão, uma pintura que representa a imagem de um precipício com uma corda pendurada, de um ponto a outro. Enquanto tenta atravessar a corda, ele se desequilibra e a cena termina com a queda dele.

O mestre de cerimônia utiliza um fraque e uma cartola de veludo vermelho, com a gola, punhos e cinta em preto; uma camisa de cor off-white com uma gravata curta, de textura xadrez, nas cores vermelho e verde é presa com um broche branco; e botas pretas de couro que vão até o meio de sua coxa. Compondo o seu visual, a maquiagem do personagem possui uma estética bem carregada. Nos olhos, ele utiliza uma lente espiral na cor branca, uma sombra preta bem forte com os contornos esfumados e cílios postiços. Na boca, o batom vermelho também é esfumado para fora dos lábios mantendo o formato do sorriso com uma prótese de um dente prateado. A região do queixo e mandíbula é marcada por um contorno preto no formato ondulado.

<sup>48</sup> O Plano Fechado ou Close-up é quando o posicionamento da câmera está bem próximo do objeto, fazendo com que ele ocupe quase todo o cenário, sem deixar muito espaço ao seu redor. Esse é um plano de intimidade e expressão. Disponível em: [Enquadramentos: planos e ângulos | Primeiro Filme](#).

<sup>49</sup> Cabaretier: Aquele que anuncia o espetáculo; mestre de pista; apresentador. Disponível em: [CircoData - Dicionário do Circo Brasileiro](#)

<sup>50</sup> Plano Americano é quando o enquadramento da câmera captura a imagem da figura humana do joelho para cima. Disponível em: [Enquadramentos: planos e ângulos | Primeiro Filme](#).

<sup>51</sup> O Plano Geral possui um ângulo de visão muito amplo, onde a câmera revela a paisagem ou cenário à sua frente. A figura humana ocupa um espaço reduzido na tela. Disponível em: [Enquadramentos: planos e ângulos | Primeiro Filme](#).

### 4.1.3 Análise Narrativa (00'06" a 00'38")

No ambiente narrativo, o principal sentido da cena é passar a sensação de que o “o circo está armado” e o espetáculo está prestes a começar. Durante toda a canção, Gloria Groove utiliza expressões associadas ao circo, e que podem ser relacionadas a palavras que possuem o sentido de polémica (“armar um circo”) e de perigo (“andar na corda bamba”). Durante toda a cena em que o Cabaretier está anunciando o *show* que irá começar, vemos o personagem apresentar uma fisionomia bem-marcada de ironia e maldade enquanto canta. Essas expressões causam desconforto em quem assiste, pois no seu discurso, ele deixa claro que esse não vai ser um *show* alegre.

É importante ressaltar, que no decorrer de toda a música, na entrada de cada estrofe e ao meio deles, destaca-se a nota Fá Sustenido menor (F#m)<sup>52</sup>, nota essa que dá a tonalidade da melodia. Uma das características das notas menores<sup>53</sup> é produzir um som mais triste, ao contrário das notas maiores que produzem um som mais feliz. Este é um recurso bastante utilizado na música, para produzir sensações aos ouvintes, sejam elas sensações boas ou ruins. Nesta canção, as notas menores, combinadas com a melodia, a harmonia e o ritmo são as responsáveis por transmitir sentimento de apreensão através do som.

Podemos relacionar essa cena com a primeira fase da Tríade Cognitiva do Cancelamento, elaborada pelos autores Marcelo Hugo Rocha e Fernando Elias José. Nesta etapa, fase informal, temos uma visão externa do ocorrido e fazemos uma breve leitura desses acontecimentos. Os sentimentos aflorados por conta desta situação, nos instigam a reagir diante desses fatos, seja por conta do engajamento, pelas pessoas envolvidas ou pela causa. A relação da cena com esta primeira fase, é que ambos convidam o público a assistir ao espetáculo que está para acontecer, ou seja, o cancelamento de alguma figura pública.

Um exemplo, é a cena da corda bamba, onde o mestre de cerimônia, após anunciar que o espetáculo é sobre a sua queda, anda pela corda com medo de cometer qualquer deslize e acabar sendo punido de alguma forma pela audiência que o segue e vigia. O público se reúne para ver o *show* que está sendo transmitido nas redes sociais e aguardam ansiosamente pela queda dele. Percebemos que nos dias atuais, o cancelamento dá mais *views* do que qualquer coisa positiva que essa pessoa tenha feito em sua carreira.

---

<sup>52</sup> Disponível em: [O Significado Psicológico das Tonalidades - PIANISSIMO \(ovar.info\)](http://ovar.info)

<sup>53</sup> Disponível em: [Por que acordes menores soam tristes e acordes maiores soam alegres na música? - Canaltech](#)

## 4.2 Cena 02 – A Exposição

### 4.2.1 Análise Sonora e Linguística (00'39" a 00'54")

No âmbito sonoro, podemos escutar as características já citadas na cena anterior. Além disto, mantém-se as sensações de tensão e suspense, porém nota-se o aumento das pulsações através da percussão. Podemos ouvir mais batidas e também, entre elas, há o som de palmas combinado com uma caixa de bateria. A combinação desses sons gera uma sensação de aceleração, o que é comum em refrões.

#### Figura 8 – Letra da música A Queda

<p>Extra! Extra! Não fique de fora dessa          Garanta seu ingresso pra me ver fazendo merda          Extra! Extra! Logo logo o show começa          Melhor do que a subida só mesmo assistir a queda</p>
--

Fonte: Letras/A Queda – Gloria Groove

No que se refere à dimensão linguística, a frase “*Extra! Extra! Não fique de fora dessa. Garanta seu ingresso pra me ver fazendo merda. Extra! Extra! Logo logo o show começa*”, passa a sensação de urgência em anunciar o show que está para acontecer. Na parte seguinte, “*Melhor do que a subida só mesmo assistir a queda*”, a cantora afirma que a melhor parte desse espetáculo é ver os seus fracassos e a sua desgraça, ao invés das suas realizações.

### 4.2.2 Análise Visual (00'39" a 00'54")

#### Figura 9 – A exposição



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

#### Figura 10 – A exposição



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 11 – A exposição**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 12 – A exposição**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 13 – A exposição**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 14 – A exposição**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

No aspecto visual, a cena inicia (Figura 9 – Plano Fechado) mostrando uma mulher vestida de noiva dentro de um caixão forrado com um tecido preto e com o seu rosto coberto por um véu branco. Na sequência (Figura 10 – Meio Primeiro Plano<sup>54</sup>), o caixão está sendo levantado por pessoas fantasiadas, que tiram a noiva de dentro dele, enquanto ela larga o buquê de flores que está segurando. A seguir (Figuras 11, 12, 13 e 14 – Plano Americano), captura a imagem dela saindo do caixão e podemos visualizar algumas partes do ambiente ao seu redor. Vemos ao fundo do cenário uma abertura de luz que ilumina o ambiente, junto com algumas velas espalhadas ao fundo. Conforme ela sai do caixão e vai caminhando, podemos ver que o ambiente onde ela está remete ao mausoléu<sup>55</sup>.

Além das velas distribuídas por todo o ambiente, observamos o cenário por alguns objetos principais, como: telefones, televisores e relógios com uma estética mais antiga; e garrafas de bebidas e potes de vidros vazios. À medida em que ela vai caminhando, as figuras

<sup>54</sup> O Meio Primeiro Plano (MPP) ocorre quando o enquadramento da câmera é posicionado para capturar a imagem da figura humana da cintura para cima. Disponível em: [Enquadramentos: planos e ângulos | Primeiro Filme](#).

<sup>55</sup> Um Mausoléu é um tipo de arquitetura funerária que se impõe por suas grandes dimensões e/ou proporções. É um monumento funerário que abriga os restos mortais de um ou mais membros da mesma família. Disponível em: [Mausoléu - Dicio, Dicionário Online de Português](#)

mascaras começam a arrancar pedaços do seu vestido, deixando-a exposta apenas com uma roupa íntima. Nesse momento ela se cobre com os próprios braços para tapar a sua “nudez” e tentar se preservar de alguma forma. Ao mesmo tempo em que tenta se cobrir, vemos em seu rosto uma expressão de susto e medo pelo que está sendo feito com ela.

O vestido de noiva da personagem é composto por um espartilho, gargantilha e botas de couro de cano alto nas cores branco e vermelho; mangas bufantes e a saia do vestido são feitas do mesmo tecido o tule branco. A maquiagem produzida dá destaque aos olhos e boca da personagem. A cor da sombra dos olhos é do mesmo tom da sua pele, mas possui as bordas esfumadas em um vermelho vibrante que abrangem a parte inferior dos olhos até a sua sobrancelha. Nos lábios, ela usa um batom vermelho vibrante, com um contorno marcado por uma cor mais escura, e a pele bem pálida com os contornos da maçã do rosto bem definidos. O cabelo da personagem tem ondas presas na parte superior da cabeça e do meio para parte inferior, soltos com as ondas bem definidas. Já as figuras ao seu redor, estão caracterizadas por máscaras e vestimentas de couro na cor preta com espinhos, de diversos tamanhos, espalhados por todo o corpo.

#### **4.2.3 Análise Narrativa (00’39” a 00’54”)**

No âmbito narrativo, vemos que após o tombo, a cantora surge vestida de noiva, dentro de um caixão, pois ela teve a sua reputação assassinada. Enquanto se afasta do caixão, as figuras mascaradas que a tiram de lá, arrancam suas roupas do corpo a deixando “nua”. Esta cena pode ser relacionada com a segunda fase da Tríade Cognitiva do Cancelamento, o julgamento, onde temos uma visão mais interna e racional do que está acontecendo. Aqui, o indivíduo olha para si mesmo, e para os seus próprios sensores de justiça e moralidade, e a partir deles, aguarda um julgamento rápido e necessário para essa “vítima”.

O nosso julgamento perante os acontecimentos da vida do outro, principalmente as figuras públicas, nos faz agir como se nós fossemos os puros e os donos da razão. Isto faz com que cada um de nós tenha uma balança moral do que considera certo e errado. Dessa forma, se a atitude ou fala de determinada pessoa, pesar mais para um lado do que para o outro, nós nos sentimos no direito de julgá-la e linchá-la.

Na cultura do cancelamento, vemos diversas figuras públicas serem canceladas em questão de horas após cometeram um ato falho perante a sociedade. Quando essa pessoa é cancelada, observamos tudo ao seu redor desmoronar, amizades serem desfeitas, contratos

publicitários serem rompidos, e principalmente, as pessoas ficarem incentivando e assistindo esse linchamento virtual, transmitido através das redes sociais. Podemos observar o comportamento sádico destes indivíduos ao sentirem prazer em assistir a desgraça do outro, como se suas atitudes fosse as corretas. Além disso, é importante ressaltar que a mesma mídia que coloca esse artista no topo, é a mesma que participa e o faz ter a sua queda, como vemos no trecho da música “*Melhor do que a subida só mesmo assistir a queda*”.

### 4.3 Cena 03 – O cancelamento

#### 4.3.1 Análise Sonora e Linguística (01’23” a 01’37”)

No aspecto sonoro, a melodia mantém as mesmas características de tensão e suspense das cenas anteriores. Aqui, reduz-se o número de batidas e a voz da cantora fica mais em destaque. Neste trecho em específico, muda-se a melodia da fala da cantora, havendo uma alteração que remete ao *flow* do rap. Podemos notar, também, que ao final do trecho, há uma pausa de um segundo de tempo, que dá destaque à fala da cantora.

#### Figura 15 – Letra da música A Queda

Daqui do alto não tô te escutando  
 Cê vai falando, eu vou faturando  
 Sei que cê gosta de ouvir os aplauso  
 Mas gosta muito mais de me ver sangrando

A carapuça serviu (ham)  
 Cadê você? Ninguém viu! (ham)  
 Tô dominando o Brasil (ham)  
 (A pa puta que pariu)

Fonte: Letras/A Queda – Gloria Groove

No âmbito linguístico, o trecho pode ser entendido como um “diálogo” entre a artista e os meios de comunicação, como também entre ela e quem a está cancelando, quando ela canta “*Daqui do alto não tô te escutando. Cê vai falando, eu vou faturando*”. Não importa o quão alto ela fale ou grite, os meios de comunicação e os *haters* “ouvem” apenas o que eles querem, e enquanto ela fala e tenta se justificar dos seus erros, eles continuam faturando sobre o artista. Na parte seguinte, “*Sei que cê gosta de ouvir os aplausos. Mas gosta muito mais de me ver sangrando*”, a cantora fala que por mais que esses meios gostem de ser reconhecidos por suas grandes realizações, eles preferem continuar gerando artigos, matérias e reportagens sobre as desgraças e os erros daquele indivíduo. Do mesmo modo acontece com os *haters*, eles preferem

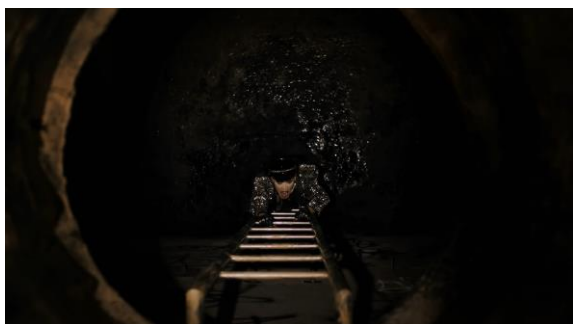


continuar incitando o ódio e fazer com que aquele artista continue sofrendo, do que a visibilidade que eles podem receber quando tem seus *posts* compartilhados por milhares de pessoas que concordam com eles.

O verso seguinte, “*A carapuça serviu?*” ela questiona se o que foi dito por ela anteriormente foi compreendido por quem deveria ouvir, no caso, se a indireta foi recebida. Na parte “*Cadê você? Ninguém viu!*”, a cantora afirma que independente do que foi falado por qualquer indivíduo, seja ele uma figura pública ou privada, ele continua irrelevante perante o artista cancelado, pois quem consumiu aquele conteúdo, o fez porque o assunto era o cancelamento do artista. No trecho final da cena, quando a cantora fala “*Tô dominando o Brasil*”, ela afirma que mesmo toda a atenção que ela receba seja negativa e cheia de ódio, ela continua dominando os espaços dos meios de comunicação e redes sociais, pois é a partir deles que as pessoas buscam informações sobre o que está acontecendo com determinado famoso.

#### 4.3.2 Análise Visual (01’23” a 01’37”)

**Figura 16 – O cancelamento**



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 17 – O cancelamento**



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 18 – O cancelamento**



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 19 – O cancelamento**



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 20 – O cancelamento**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 21 – O cancelamento**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

Na dimensão visual, vemos a cantora dentro de um bueiro (Figura 16 – Plano Geral – Ângulo *Plongée*<sup>56</sup>) tentando subir as escadas para sair de lá. Logo após (Figura 17 – Plano Conjunto<sup>57</sup>), observamos ela sendo cercada por criaturas que vivem lá dentro. Na sequência, (Figura 18 – Plano Detalhe<sup>58</sup> – Ângulo *Contra Plongée*<sup>59</sup>) percebemos que uma mão agarra o seu pé e a puxa para baixo (Figura 19 – Plano Americano – Ângulo *Contra Plongée*). Ao cair no chão (Figuras 20 e 21 – Plano Conjunto), essas criaturas sobem pelo seu corpo até não podermos mais enxergar.

O figurino da cantora é composto por um *collant* na cor preto com um recorte na região da barriga, uma jaqueta forrada de pedras brilhosas, meia “arrastão” e uma bota de couro de cano longo na cor preto. Os acessórios que complementam o figurino são uma luva de couro na cor preta e um chapéu tipo boina com uma tira em prateada. A maquiagem nesta cena, diferente das anteriores, possui uma estética mais neutra, nos olhos há um delineado preto e branco e nos lábios um batom na cor nude com um contorno em um tom mais escuro.

#### 4.3.3 Análise Narrativa (01’23” a 01’37”)

No Aspecto narrativo, Gloria aparece no fundo do poço, e quando tenta sair dele, tem seu pé puxado pelas criaturas que vivem lá dentro. Após cair, essas mesmas criaturas a atacam e se alimentam da sua queda. A relação desta cena com a terceira etapa da Tríade Cognitiva do Cancelamento, fase executória, que acontece de forma externa, onde olha-se para quem precisa

<sup>56</sup> O ângulo em *Plongée* é quando a câmera está acima do nível dos olhos, e voltada para baixo. É uma palavra francesa que significa “mergulho”. Disponível em: [Enquadramentos: planos e ângulos | Primeiro Filme.](#)

<sup>57</sup> No Plano Conjunto, o enquadramento da câmera revela uma parte significativa do cenário à sua frente. A figura humana ocupa um espaço um pouco maior na tela, sendo possível reconhecer o rosto das pessoas mais próximas a câmera. Disponível em: [Enquadramentos: planos e ângulos | Primeiro Filme.](#)

<sup>58</sup> O Plano Detalhe, a câmera enquadra uma parte significativa do rosto ou do corpo (olhos, mãos, pés, etc.). Também é utilizado para objetos pequenos, como uma caneta ou copo sobre a mesa. Disponível em: [Enquadramentos: planos e ângulos | Primeiro Filme.](#)

<sup>59</sup> *Contra Plongée* é um ângulo de câmera abaixo do nível dos olhos, e voltado para cima. Pode ser chamado também de “câmera baixa”. Disponível em: [Enquadramentos: planos e ângulos | Primeiro Filme.](#)

ser cancelado, e que já passou pelas fases anteriores. Aqui são definidas as formas de punição que esse indivíduo irá receber, a extensão e a intensidade desse castigo, baseado nas emoções que foram provocadas pelas suas atitudes.

Nesta cena, vemos que a cada tentativa da cantora de sair do fundo do poço, as criaturas que vivem lá dentro a impedem. Estas criaturas são a representação da audiência que torce contra ela e que acompanha o desenrolar desse espetáculo definindo quando e como ele irá acabar, ou durante quanto tempo ele irá continuar. Não importa quantas vezes esse artista tente se reinventar, enquanto o público achar que ele mereça ser punido, irá continuar trazendo à “luz” todas as suas atitudes erradas e que fizeram ele ser cancelado, como também o seu “fracasso” em tentar se redimir. Sendo assim, podemos perceber que o discurso de ódio e o linchamento são cíclicos até que quem consome esse tipo de conteúdo decida mudar a sua forma de pensar e reagir sobre as atitude do próximo.

#### **4.4 Cena 04 – Ventríloquo & Marionete**

##### **4.4.1 Análise Sonora e Linguística (02’23” a 2’53”)**

Na dimensão visual, a cena começa sem as batidas mais graves e sem a percussão. É possível escutar as cordas, o som da caixinha de música, e nesta parte a cantora passa a sussurrar a letra da música. O cessar da percussão gera um sentimento de perda, pois se reduz a quantidade de instrumentos na canção e destaca-se apenas a voz da cantora sendo sussurrada. Do meio em diante, voltam-se às batida, porém, muito mais atenuadas, junto das batidas, podemos ouvir um som de palmas e mãos batendo em uma superfície, novamente, simbolizando que há uma audiência assistindo ao espetáculo. Este som de batidas e palmas, remetem a melodia da música “*We Will Rock You*” (traduzido em português para “Nós Vamos Sacudir Você”) da banda britânica *Queen*, dialogando perfeitamente com o que é reproduzido na parte visual da cena.

#### **Figura 22 – Letra da música A Queda**

<p>Extra! Extra! Não fico de fora dessa          Já tenho o meu ingresso pra te ver fazendo merda          Extra! Extra! Logo logo o show começa          Melhor do que a subida só mesmo assistir a queda</p>
--

<p>Na, na          Na, na-na, na          Na, na-na, na          Na, na, na</p>
---

Na, na-na, na-na, na

Na, na-na, na

Na, na-na, na

Na, na, na

Na, na-na, na-na, na

Fonte: Letras/A Queda – Gloria Groove

No ambiente linguístico, o refrão da canção se repete, porém, quem está anunciando o espetáculo é o Bobo da Corte<sup>60</sup>. No começo da cena, ele canta “*Extra! Extra! Não fico de fora dessa. Já tenho o meu ingresso pra te ver fazendo merda*”, nesta parte ele anuncia que está ansioso para ver o espetáculo que está para acontecer. Neste momento, ele não é o personagem principal do show, mas sim, alguém que faz parte da audiência que está assistindo a queda de outra pessoa. Já no trecho seguinte, “*Extra! Extra! Logo logo o show começa. Melhor do que a subida só mesmo assistir a queda*” ele volta a passar a sensação de urgência em anunciar que o espetáculo da desgraça do outro está para acontecer. Na última parte da canção, quando a cantora fala “*Na, na. Na, na-na, na*”, temos a supressão da palavra “não”. Desse modo, temos a sensação de que ela não consegue falar toda a palavra, pois está constantemente sendo interrompida e oprimida pelo público que a cancela.

#### 4.4.2 Análise Visual (02’23” a 2’53”)

**Figura 23 – Ventriloquo & Marionete**



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 24 – Ventriloquo & Marionete**



Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

<sup>60</sup> Bobo da corte Disponível em: <[Bobo da Corte: o que é, significado, definição e conceito \(significadofacil.com\)](http://significadofacil.com)>. Acesso em: 24 de novembro de 2022.

**Figura 25 – Ventriloquo & Marionete**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 26 – Ventriloquo & Marionete**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 27 – Ventriloquo & Marionete**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 28 – Ventriloquo & Marionete**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 29 – Ventriloquo & Marionete**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

**Figura 30 – Ventriloquo & Marionete**

Fonte: Gloria Groove/Canal YouTube

No que se refere ao aspecto visual da cena, ela começa (Figura 23 – Plano Conjunto) apresentando o cenário onde os personagens estão inseridos. Nele, podemos observar que na parte superior há uma luz amarela iluminando o palco, como também, diversos bonecos espalhados formando a “cortina” do *show*. Na parte inferior, o tablado do palco possui uma pintura em forma de espiral, nas cores, preto, cinza e branco. Ao centro da cena, vemos seis palhaços ao redor do personagem enquanto caem, de ambos os lados, um conjunto de cordas douradas.

A seguir (Figura 24 – Plano Americano), vemos alguns palhaços o segurando para que ele não consiga fugir, enquanto os outros prendem seus braços e pernas as cordas. Após ser

preso (Figura 25 – Meio Primeiro Plano – Ângulo Contra Plongée), as luzes que iluminavam o palco são apagadas e vemos alguns *flashes* de luz branca iluminando o que está acontecendo na cena. Nesta parte, vemos que a pessoa que está controlando as cordas que o prendem, é o Cabaretier, que mostra em seu rosto uma expressão de prazer no que está fazendo. Neste momento ele assume o papel de Ventrículo e o Bobo da Corte, o de Marionete. Podemos observar (Figura 26 – Plano Americano), o momento em que o personagem percebe que as cordas que foram presas em seus membros, eram amarras que estavam sendo manipuladas por outra pessoa, ao olhar para cima, ele descobre quem está fazendo isso com ele. Podemos ver que os palhaços ao seu redor, comemoram e riem da desgraça dele,

Na cena seguinte (Figura 27 – Meio Primeiro Plano), ele é obrigado a se comportar e se movimentar de acordo com os comandos dados pelas cordas que estão presas ao seu corpo, e é possível perceber em suas expressões, que o que está acontecendo com ele, o causa medo, dor e angústia (Figura 28 – Primeiríssimo Plano<sup>61</sup> – Ângulo Plongée). Após esse acontecimento (Figura 29 – Plano Conjunto), as luzes do palco mudam para a cor vermelhas e o Bobo da Corte continua preso às cordas, porém, suas roupas estão rasgadas com os seus “miolos” para fora e espalhados no chão; existem tesouras fíncadas em seu corpo, mostrando os “rasgos” e os “estragos” feitos contra ele. Não vemos mais a presença dos palhaços no palco, e podemos notar que ele demonstra em sua postura corporal estar exausto e em seu rosto, vemos lágrimas de sangue escorrendo, representando o choro e a dor de tudo o que aconteceu com ele (Figura 30 – Primeiro Plano).

O figurino do Bobo da Corte possui uma estampa em losango nas cores preto e branco; o chapéu possui guizos<sup>62</sup>, na cor preto, nas duas pontas; no vestido, temos a aplicação de tule nas mangas e ao redor da saia, dando volume à região; a meia calça tem a mesma estampa do restante da roupa. Composto a roupa do personagem, vemos ele vestindo luvas, cinto e botas de couro na cor preta, além de uma coleira de mesmo material e cor, com um pingente prateado de coração partido preso a ela. Nos olhos, o personagem possui uma lente de aumento com as íris na cor azul, e a sua maquiagem, nessa região, tem uma pintura característica a figura do Bobo da Corte, na cor preta e com pedras da mesma cor na parte superior e inferior de cada

<sup>61</sup> O Primeiríssimo Plano (PPP) é quando a câmera captura a figura humana dos ombros para cima dentro do seu enquadramento. Esse plano pode ser chamado, também, de “CLOSE-UP”. Disponível em: [Enquadramentos: planos e ângulos | Primeiro Filme](#).

<sup>62</sup> Guizos são objetos ociosos, normalmente, feitos de metal e que em seu interior, possui uma ou mais bolinhas maciças que, ao serem agitadas, produzem um som de chocalho. Disponível em: [Guizo – Wikipédia, a enciclopédia livre https://pt.wikipedia.org > wiki > Guizo \(google.com\)](#).

olho. Suas bochechas estão pintadas de um tom de rosa bem claro, e nos seus lábios, um batom preto, que sai para fora do limite da boca, mantendo o aspecto de estar sempre sorrindo. Ao fim da cena, a maquiagem do Bobo mostra as lágrimas vermelhas escorrendo pelo seu rosto, representando sangue. Já no seu figurino, vemos ele rasgado em diversas partes, com os enchimentos em espuma branca saltados para fora da roupa e tesouras presas em algumas partes do seu corpo como por exemplo: ombro, peito e perna. Já os palhaços, têm seus trajés representando uma estética mais vintage das roupas de palhaços. Nota-se que todos eles vestem tecidos nas cores claras e com detalhes na cor preto, mas que estão machados em várias áreas, dando a impressão de uso constante; meias e sapatos com o mesmo estilo. A maquiagem desses personagens é caracterizada por uma estética de Circo dos Horrores<sup>63</sup>. A maioria deles possui uma pintura branca no rosto, com uma sombra preta bem-marcada dos olhos, e com os lábios e dentes pintados de vermelho, novamente, remetendo ao sangue. Alguns desses palhaços não estão com o rosto pintado de branco, porém, possuem linhas espalhadas por seu rosto, que podem ser representações de cortes, dando uma impressão de um rosto desfigurado.

#### **4.4.3 Análise Narrativa (02'23" a 2'53")**

Na dimensão narrativa, o principal sentido da cena é mostrar que após toda a violência sofrida pelo personagem, ele entende como o jogo funciona e começa a dançar conforme a música. Dessa maneira, ele acaba perdendo toda sua naturalidade e autenticidade e se torna uma marionete da sociedade. Podemos notar, também, por mais que esse espetáculo que é o linchamento virtual, os bastidores por traz desse circo dos horrores, são bem piores. Além disso, a letra da composição é cíclica, os acontecimentos ocorridos nesta cena e neste trecho da música, são os mesmos que aconteceram anteriormente, porém, aqui, quem dá voz há está fala, não é a noiva que teve a sua reputação manchada, e sim o Bobo da Corte, que aprendeu como esse espetáculo ocorre, e agora faz parte do público que aguarda o próximo cancelado da vez passar por tudo o que ele passou.

Esta cena, em específico, não faz parte das fases propostas, pelos autores Marcelo Hugo Rocha e Fernando Elias José, da Tríade Cognitiva do Cancelamento. Mas podemos considerar ela como uma quarta categoria do método, pois nesta etapa a pessoa cancelada tem a oportunidade de voltar do ostracismo imposto a ela. Com essa nova chance, ela muda a sua forma de agir e se comportar e começa a reproduzir os padrões e opiniões que são aceitáveis pela maioria, e assim, ela tenta evitar ser cancelada novamente. Essa mudança de

---

<sup>63</sup> Disponível em: [As atrações humanas do “Circo dos Horrores” | Super \(abril.com.br\)](#).

comportamento, acontece em diversos casos reais de celebridades que foram julgadas, canceladas e que após diversas tentativas de mostrarem que realmente mudaram, tiveram uma nova chance. Esses artistas acabam se tornando marionetes do seu público e da sociedade ao perderem a sua identidade própria em função da oportunidade de voltar a pertencer àquela bolha social em que ele estava inserido.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou, como objetivo geral, examinar a Cultura do Cancelamento a partir do videoclipe ‘A Queda’ da cantora Gloria Groove. Dentro dos objetivos específicos, podemos separá-los em duas categorias: a primeira, buscou examinar os conceitos e definir uma relação entre a cultura do cancelamento, a sociedade em rede, a convergência das mídias e a cultura pop; já a segunda, buscou analisar a relação entre a imagem em movimento, a letra da música e a melodia sonora, para que assim, pudesse estabelecer categorias para a análise da imagem que possa ser relacionada com a cultura do cancelamento.

Para conseguirmos realizar a primeira parte dos objetivos, foi necessário a utilização da metodologia de Pesquisa Bibliográfica, onde foi possível compreender mais sobre a pesquisa realizada através da obtenção de diversos materiais bibliográficos, como: trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, artigos publicados em anais de eventos, etc.. A partir da leitura destes materiais, foi possível definir e relacionar entre si os conceitos propostos.

A começar pela cultura do cancelamento, fomos capazes compreender que o discurso de ódio sempre esteve intrínseco em nossa sociedade. Foi possível traçar uma linha do tempo, com alguns acontecimentos importantes que ocorreram ao longo da história e notar quem em cada fase que ele esteve presente, ele ganhou um novo “apelido”<sup>64</sup> para caracterizar a repetição dos mesmos padrões de comportamentos. O apelido da vez é a Cultura do cancelamento, que ocorre, principalmente, nas redes sociais e tem como plataforma a Internet. Para entendermos como o julgamento, ou melhor, o Tribunal das Redes Sociais, foi necessário aprofundarmos no conceito da sociedade em rede, para entender como a Internet surgiu na década de 60 e como as redes sociais se tornaram o que são hoje. Ao mesmo tempo em que nos aprofundamos no surgimento da internet, foi possível compreender a importância da convergência das mídias no avanço tecnológico e no processo de evolução dos meios de comunicação em massa, e conseqüentemente, a sua influência e contribuição para a cultura pop. Partindo deste ponto, para entendermos como a cultura pop influencia os nossos padrões de comportamento, foi necessário voltar ao passado e conhecer o cenário musical da década de 1950 e a forma como o pop se propagava através da cultura midiática. Se aproveitando das expressões culturais, o pop explorava a relação entre a imagem e som, que quando sincronizadas, constituíam o videoclipe. A partir desses conceitos, observamos, também, o avanço tecnológico da época e que através

---

<sup>64</sup> Linchamento, Ostracismo, Caça às Bruxas, Santa Inquisição, Nazismo, Boicote e Cultura do Cancelamento.

dele, e da forma como os usuários consumiam os produtos audiovisuais, foi criada uma das principais plataformas de visualização e compartilhamento de vídeos, o YouTube.

Em seguida, para a execução da segunda parte dos objetivos específicos, adentramos no nosso objeto de estudo: o videoclipe ‘*A Queda*’ da cantora Gloria Groove. Escolhemos para realizar a análise das cenas o método de Ruído e Música como Dados Sociais entrecruzado com o método de Análise de Imagens em Movimento. Em seguida, foram estabelecidas três categorias: a análise sonora e linguística, análise visual e análise narrativa. Após dialogarmos sobre as definições teóricas e a explicação do que seria examinado, seguimos para a definição das quatro cenas descritas como: cena 1: “Anúncio do espetáculo”, cena 02: “A exposição”, cena 3: “O cancelamento” e cena 4: “Ventríloquo & Marionete”.

Na primeira cena, o foco principal é o anúncio do espetáculo que está para ocorrer e a forma como o cabaretier sente prazer em fazer o anúncio da queda de outra pessoa. Na cena seguinte, a exposição dos seus erros é o tema central. Na terceira cena, o objetivo é mostrar que ela está no fundo do poço, e que toda vez que ela tenta sair dele, é puxada de volta. Na quarta e última cena, a personagem volta aos palcos, mas acaba sendo manipulada pelo cabaretier, que aqui representa a vontade da maioria das pessoas. Então ela acaba sempre “dançando conforme a música”, pois já sabe quais são os discursos e falas que a sociedade aprova e quais reprova. Aqui ela já está calejada e se prepara para ver a queda de outra pessoa.

Por fim, concluímos que a relação entre os conceitos apresentados e o videoclipe da cantora Gloria Groove se dá pela propagação da cultura popular através da cultura midiática, que está relacionada à música e ao audiovisual. Por conta da cultura estar diretamente ligada a circulação e as conexões entre mercado, poética, gosto e valor econômico, podemos definir a dinâmica entre através de valores de uso, de valor de troca, do valor cultural e valor estético. No videoclipe, vemos essas conexões representadas no discurso do cancelamento, quando um artista e/ou figura pública tem alguma fala ou comportamento onde suas atitudes são consideradas questionáveis por parte do público que os segue.

Essa midiaticização do cancelamento não precisa ser necessariamente massiva no sentido amplo e sim, em sentido estrito: experiências de nicho amplificadas globalmente. O autor também fala que a designação da cultura pop articula um tipo de circulação que caracteriza as expressões culturais em sua produção midiática, e isto acaba estabelecendo fluxos de aproximações e diferenças que são reunidos torno do modo como os produtos culturais

contemporâneos projetam um espaço midiático, ao mesmo tempo em que servem como formas diferenciadas de fazer circular esses produtos.

O cancelamento é representado no vídeo através da estética circense. Vemos no decorrer do clipe que as cenas estão interligadas por uma narrativa representada pelas etapas do cancelamento. Desde o anúncio até a cena final, onde vemos o bobo da corte preso por cordas, fazendo uma alusão a um fantoche que é manipulado por alguém oculto por detrás das cortinas. Esse discurso de ódio só é possível pois sua mensagem é pública, rápida e, na maioria das vezes, anônima. Esse ódio que vemos atualmente presente na sociedade, se manifesta, na maioria dos casos, por conta de um efeito externo em que as pessoas estão expostas diariamente através das redes sociais. Vemos, cada vez mais, o ódio sendo incitado dentro da Internet e uma massa de pessoas compartilhando e apoiando esses comportamentos. O discurso de ódio presente na cultura do cancelamento, nada mais é, do que a necessidade humana de se sentir superior ao outro, e utilizar a sua “régua moral” como parâmetro para julgar o que é certo e errado, principalmente quando são figuras públicas ou empresas. Essa comunicação acaba tendo influência direta na cultura de uma população e acaba influenciando diretamente na forma como a sociedade se comporta e na forma como ela consome os produtos midiáticos. Deste modo, o que é consumido pela população, se torna repertório para ela produzir novas coisas, se o que ela consome vem somente da cultura do cancelamento, logo, o que ela devolverá para a sociedade, será produto deste comportamento e padrão de consumo.

## REFERÊNCIAS

- 12º CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2007, Minas Gerais. BRESSAN, Renato Teixeira. **YouTube**: intervenções e ativismos. Minas Gerais. Intercom, 2007. Disponível em: [R0040-1 \(intercom.org.br\)](https://www.intercom.org.br).
- 19º CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL - INTERCOM, 2018, Paraná. WOSNIAK, Cristiane; OLIVIA, Rodrigo. **Convergências e diálogos entre a linguagem cinematográfica e o videoclipe Cold (2017) de Rich Lee**. Paraná: Intercom, 2018. Disponível em: [ARTIGO CRIS E RODRIGO INTERCOM SUL CASCAVEL - pronto para uma revisao final \(portalintercom.org.br\)](https://portalintercom.org.br).
- AMARAL, Inês. **Redes Sociais na Internet: Sociabilidades Emergentes**. Editora LabCom.IF. Povilhã/PT, 2016. Disponível em: [Redes Sociais na Internet: Sociabilidades Emergentes, Communication & Arts \(ubi.pt\)](https://www.ubi.pt). Acesso em: 04 de dezembro.
- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal**. 10ª reimpressão, São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- BARROS, Antonio; JUNQUEIRA, Rogério. A elaboração do projeto de pesquisa. *In*: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2005. cap. 2, p. 32-50.
- BAUER, Martin W. Análise de ruído e música como dados sociais. *In*: BAUER, Marin; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 365-389.
- BUARQUE, Gabriela. Quem Cancela a Cultura do Cancelamento?. **Editora Fórum**, [*Belo Horizonte*], 01 mar. 2021. Disponível em: [Quem Cancela a Cultura do Cancelamento? - Editora FÓRUM - Conhecimento Jurídico \(editoraforum.com.br\)](https://www.editoraforum.com.br). Acesso em: 09 de dezembro de 2021.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DUNKER, Christian. Quem tem medo do cancelamento?. **Gama Revista**, [S. l.], 26 jul. 2020. Disponível em: [O medo da cultura do cancelamento — Gama Revista \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br). Acesso em: 16 de novembro de 2021.
- GENIUS. A Queda. **Genius**, [S. l.], 01 out. 2021. Disponível em: [Gloria Groove – A QUEDA Lyrics | Genius Lyrics](https://www.genius.com). Acesso em: 19 de novembro de 2021.
- GERBASE, Carlos. Cinema: Primeiro Filme: Descobrimo, Fazendo, Pensando. 1ª ed. Artes e Ofícios: [S. l.], 2012. Disponível em: [Enquadramentos: planos e ângulos | Primeiro Filme](https://www.artesefilosofia.com.br). Acesso em: 13 de outubro de 2022.
- GROOVE, Gloria. Gloria Groove – A Queda (Clipe Oficial). **Youtube**, 15 out. 2021. Disponível em: [GLORIA GROOVE - A QUEDA \(CLIPLE OFICIAL\) - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=GLORIA_GROOVE_-_A_QUEDA_(CLIPLE_OFICIAL)_-YouTube). Acesso em: 19 de novembro de 2021.

JANOTTI JR, Jeder. Cultura pop: entre o popular e a distinção. *In*: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rodrigo (Org.). **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compôs, 2015a. P. 45-56

\_\_\_\_\_, Jeder Silveira; LIMA, Tatiana Rodrigues; PIRES, Victor de Almeida Nobre (orgs.) **Dez anos a mil: Mídia e Música Popular Massiva em Tempos de Internet**. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011b.

\_\_\_\_\_, Jeder; SOARES, Thiago. **O videoclipe como extensão da canção:** apontamentos para análise. Revista Galáxia, n. 15, p. 91-108, jun. 2008c. Disponível em: [O videoclipe como extensão da canção: apontamentos para análise | Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica \(pucsp.br\)](#). Acesso em 05 de janeiro de 2023.

HOESCHER, Laura Zorzo. **As variáveis predictoras da cultura do cancelamento nas redes sociais**. 2020. 67 f. Monografia (Bacharel em Publicidade e Propaganda). Curso de Publicidade e Propaganda. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2020. Disponível em: [Repositório Institucional da Universidade de Passo Fundo \(UPF\): As variáveis predictoras da cultura do cancelamento nas redes sociais](#). Acesso em: 07 de dezembro de 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência:** a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais:** identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LARANJEIRA, Álvaro Nunes; CARDOSO, Moisés; KUMM, Alexandre Artur. **Interações temporais na era da convergência.** Perspectivas das Gerações Y e Z nas redes sociais digitais. Revista Ecom, v. 7, n. 14, p. 139-154, jul./dez. 2016. Disponível em: [10. Interações temporais.pdf - Google Drive](#). Acesso em: 19 de dezembro de 2022.

MADUREIRA, Alessandra Vinco Aguiar Calixto. **Cultura Pop, Gênero e Web 2.0: Estratégias de Circulação do K-Pop**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Estudos de Mídia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: [Cultura pop, gênero e Web 2.0: estratégias de circulação do K-pop | Alessandra Vinco - Academia.edu](#). Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

MENDES, D. **Cultura: conceitos e música pop brasileira**. Cadernos de Comunicação, v.26, n. 1, p. 1-25, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2316882X67651>. Acesso em 07 de dezembro de 2022.

MONTAÑO, S.. **A construção do usuário na cultura audiovisual do YouTube**. Revista FAMECOS, v. 24, n. 2, p.1-24, jul./ago. 2017, ID25256. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2017.2.25256>.

NOGUEIRA, Rodrigo da Silva. **Semiótica e sonorização no globo repórter: uma abordagem Peirceana**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, São Borja, 2016. Disponível em: [Repositorio Institucional da UNIPAMPA: Semiótica e sonorização no globo repórter: uma abordagem Peirceana](#). Acesso em: 25 de novembro de 2021.

PEDROSO, Amanda Pereira. **MARKETING DE RELACIONAMENTO NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS**: análise da startup Nubank. 2016. Trabalho de Conclusão de (Relações Públicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: [Marketing de relacionamento nas redes sociais digitais: análise da startup Nubank \(ufrgs.br\)](http://Marketing de relacionamento nas redes sociais digitais: análise da startup Nubank (ufrgs.br)). Acesso em: 05 de janeiro de 2023.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. e-Compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Agosto de 2007. Disponível em: [O aspecto relacional das interações na Web 2.0 | E-Compós \(e-compos.org.br\)](http://O aspecto relacional das interações na Web 2.0 | E-Compós (e-compos.org.br)). Acesso em: 27 de dezembro de 2022.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. *In*: BAUER, Marin e GASKELL, George (Org.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p.343-364.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Marcelo Hugo; JOSÉ, Elias Fernando. **Cancelado**: a cultura do cancelamento e o prejulgamento nas redes sociais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2021.

ROCHA, Glauco Capper da; FILHO, Veridiano Barroso de Souza. **Da guerra às emoções: história da internet e o controverso surgimento do Facebook**. IV Encontro Regional Norte de História da Mídia, v. 4, p. 1-16, 2016. Disponível em: [alcar2016\\_da\\_guerra\\_as\\_emocoes\\_historia\\_da\\_internet\\_e\\_o\\_controverso\\_surgimento\\_do\\_fac\\_ebook.pdf \(alcarnorte.com.br\)](http://alcar2016_da_guerra_as_emocoes_historia_da_internet_e_o_controverso_surgimento_do_fac_ebook.pdf (alcarnorte.com.br)). Acesso em: 2 de janeiro de 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. 1ª ed. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

\_\_\_\_\_, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias a cibercultura. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SILVA, Thays Bertancini da; HONDA, Erica Marie Viterito. O "Tribunal da Internet" e os efeitos da cultura do cancelamento. **Migalhas**, [S. l.], 30 jul. 2020. Disponível em: [O "Tribunal da Internet" e os efeitos da cultura do cancelamento - Migalhas](http://O ). Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

SOARES, Thiago. Percursos para estudos sobre música pop. *In*: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rodrigo (Org.). **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compôs, 2015. p.19-34

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

SPLASH. Gloria Groove sobre sucesso de A Queda: 'Ódio coletivo é terror da geração'. **UOL**, São Paulo, 02 de mar. 2022. Disponível em: [O "Tribunal da Internet" e os efeitos da cultura do cancelamento - Migalhas \(uol.com.br\)](http://O ). Acesso em 03 de março de 2022.

TIBURI, Marcia. Como conversar com um fascista. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015.

VIEIRA, Karine Moura (org.). Cibercultura. 1ª ed. Curitiba: InterSaberes, 2021.

VLADI, Nadja. O negócio da música: como os gêneros musicais articulam estratégias de comunicação para o consumo cultural. *In*: JANOTTI JR., Jeder Silveira; LIMA, Tatiana Rodrigues; PIRES, Victor de Almeida Nobre (orgs.) **Dez anos a mil: Mídia e Música Popular Massiva em Tempos de Internet**. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011. p. 70-83.

## ANEXOS

## ANEXO A – Cifra da música

Tom: **F#m**[Intro] **F#m D**

**F#m**

```

E|-----5-----5-----5-----5----|
B|-----7-----7-----7-----7----|
G|---6-----6-----6-----6-----|
D|-4-----4-----4-----4-----|
A|-----|
E|-----|

```

**D C#7**

```

E|-----5-----5-----4-----4--|
B|-----7-----7-----6-----6----|
G|---7-----7-----4-----4-----|
D|-----|
A|-5-----5-----4-----4-----|
E|-----|

```

[Primeira Parte]

**C#7 F#m**  
Respeitável público, um show tão maluco  
**D**  
Essa noite vai acontecer aqui  
**C#7 F#m**  
A gente vai armar um circo  
Um drama com perigo  
**D C#7**  
E nessa corda bamba quem vai caminhar sou eu

[Pré-Refrão]

**F#m**  
E venha ver os deslizos que eu vou cometer  
**D C#7**  
E venha ver os amigos que eu vou perder  
**F#m**  
Não tô cobrando entrada, vem ver o show na faixa  
**D C#7**  
Hoje tem open bar para ver minha desgraça

[Refrão]

**F#m**  
Extra! Extra! Não fique de fora dessa  
**D C#7**  
Garanta o seu ingresso pra me ver fazendo merda  
**F#m**



Extra! Extra! Logo logo o show começa  
 D C#7  
 Melhor do que a subida, só mesmo assistir à queda

F#m A  
 Na na, na na na na  
 D C#7  
 Na na na na, na na, na na na na  
 F#m A  
 Na na, na na na na  
 D C#7  
 Na na na na, na na, na na na na

[Segunda Parte]

F#m  
 Então pode pá!  
 Ra-tá-tá-tá  
 Podem tentar, mas não vão me pegar  
 D  
 Terror nenhum! Dum dum dum dum  
 C#7  
 Com meu poder derrubei um por um  
 F#m  
 Vivem fazendo de tudo pra te atingir eles agem como  
 animais  
 D  
 Curiosidade matou o gatinho  
 C#7  
 Mas essa gatona tá viva demais  
 F#m  
 Daqui do alto não tô te escutando  
 Cê vai falando, eu vou faturando  
 D  
 Sei que cê gosta de ouvir os aplausos  
 C#7  
 Mas gosta muito mais de me ver sangrando  
 F#m  
 Ah, a carapuça serviu, cadê você? Ninguém viu!  
 D C#7  
 Tô dominando o Brasil

Apaputakipariu

[Pré-Refrão]

F#m  
 E venha ver os deslizes que eu vou cometer  
 D C#7  
 E venha ver os amigos que eu vou perder  
 F#m  
 Não tô cobrando entrada, vem ver o show na faixa  
 D C#7  
 Hoje tem open bar para ver minha desgraça

[Refrão]

**F#m**

Extra! Extra! Não fique de fora dessa

**D**

**C#7**

Garanta o seu ingresso pra me ver fazendo merda

**F#m**

Extra! Extra! Logo logo o show começa

**D**

**C#7**

Melhor do que a subida, só mesmo assistir à queda

**F#m**

**A**

Na na, na na na na

**D**

**C#7**

Na na na na, na na, na na na na

**F#m**

**A**

Na na, na na na na

**D**

**C#7**

Na na na na, na na, na na na na

**F#m**

Extra! Extra! Não fico de fora dessa

**D**

**C#7**

Já tenho o meu ingresso pra te ver fazendo merda

**F#m**

Extra! Extra! Logo logo o show começa

**D**

**C#7**

Melhor do que a subida, só mesmo assistir à queda

**F#m**

**A**

Na na, na na na na

**D**

**C#7**

Na na na na, na na, na na na na

**F#m**

**A**

Na na, na na na na

**D**

**C#7**

Na na na na, na na, na na na na

## ANEXO B – Letra Da Música: A Queda

[Verso 1]

Respeitável público  
 Um show tão maluco  
 Essa noite vai acontecer aqui  
 A gente vai armar um circo  
 Um drama com perigo  
 E nessa corda bamba quem vai caminhar sou eu

[Pré-Refrão]

E venha ver os deslizes que eu vou cometer  
 E venha ver os amigos que eu vou perder  
 Não tô cobrando entrada, vem ver o show na faixa  
 Hoje tem open bar pra ver minha desgraça

[Refrão]

Extra! Extra!  
 Não fique de fora dessa!  
 Garanta seu ingresso pra me ver fazendo merda  
 Extra! Extra!  
 Logo logo o show começa  
 Melhor do que a subida, só mesmo assistir à queda

[Pós-Refrão]

Na-na, na-na-na-na, na-na-na-na, na-na-na  
 Na-na-na-na  
 Na-na, na-na-na-na, na-na-na-na, na-na-na  
 Na-na-na-na

[Verso 2]

Então pode pá, ra-ta-ta-ta  
 Podem tentar mas não vão me pegar  
 Terror nenhum, dum-dum-dum-dum  
 Com meu poder derrubei um por um  
 Vivem fazendo de tudo pra te atingir  
 Eles agem como animais  
 Curiosidade matou o gatinho  
 Mas essa gatona tá viva demais  
 Daqui do alto não tô te escutando  
 'Cê vai falando, eu vou faturando  
 Sei que 'cê gosta de ouvir os aplauso  
 Mas gosta muito mais de me ver sangrando (Oh)  
 A carapuça serviu (Uh)  
 Cadê você? Ninguém viu (Uh)  
 Tô dominando o Brasil (Uh)  
 (Ah 'pa puta que pariu)

[Pré-Refrão]

E venha ver os deslizes que eu vou cometer

E venha ver os amigos que eu vou perder  
Não tô cobrando entrada, vem ver o show na faixa  
Hoje tem open bar pra ver minha desgraça

[Refrão]

Extra! Extra!

Não fique de fora dessa!

Garanta seu ingresso pra me ver fazendo merda

Extra! Extra!

Logo logo o show começa

Melhor do que a subida, só mesmo assistir à queda

[Pós-Refrão]

Na-na, na-na-na-na, na-na-na-na, na-na-na

Na-na-na-na

Na-na, na-na-na-na, na-na-na-na, na-na-na

Na-na-na-na

[Refrão]

Extra! Extra!

Não fico de fora dessa!

Já tenho o meu ingresso pra te ver fazendo merda

Extra! Extra!

Logo logo o show começa

Melhor do que a subida, só mesmo assistir à queda

[Pós-Refrão]

Na-na, na-na-na-na, na-na-na-na, na-na-na

Na-na-na-na

Na-na, na-na-na-na, na-na-na-na, na-na-na

Na-na-na-na

## ANEXO C – Capa do ep. A Queda



Fonte: Wikipédia<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> Imagem do ep disponível em: [Ficheiro:A Queda - Gloria Groove.png – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#).